

# AUTORES & LIVROS

Nº de 1859  
Ano X

Editor e redator: MUCIO LEÃO  
Gerente: LEONARDO MARQUES  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO  
PREÇO: Cr. 3.00

VOL. XI  
N.º 7

## Notícia sobre Frei Jaboatão

**FUNDO** de Santa Maria Jaboatão entrou em 1555 na freguesia de Amaro da Jaboatão, sede do seu desse nome, e era filho de Domingos Coelho Melo e Francisca Vargas.

Entra como franciscano em 12 de outubro de 1717, no convento de São Roque do Rio. Foi prior de Pernambuco e ali constituiu os estudos regulares da ordem sacra. Foi nomeado no convento do Rio, por duas vezes, o Pórtico. Foi também secretário do capitão, prelado local no convento de Santo Antônio do Recife, e cronista da Ordem. Entrou na Academia Brasileira de Letras, e foi poeta, orador e

filósofo Blake — entre 1750 e 1765.

Introduzido a gabinete de uma das autoridades da Academia Pernambucana de Letras.

Frei Jaboatão é um dos numerosos elementos da primeira fase do Brasil. Tendo tal, é ingênuo, nascente, rústico, muita vez gongórico. Esta é clara, de certos excessos artísticos de Rocha Pinto. E se quiséssemos encontrá-lo para él um pintor espiritual, nequeto momento de sua história, não seria com o autor da História da América Portuguesa que chegará justamente mais de preferência com outro autor, que, não tembumbucando, se dedicou às cores de Pernambuco — Frei Manuel do. Este porém deve grandes diferenças sobre Jaboatão: é inexequível, em certas ocasiões, o seu sentido profundo; e, além disso, é de menor valor, na maior parte das que narrou.

Uma das suas partidas, os portais, os painéis, os círios de seu grupo franciscano, ele não deixa a ver, nem vangloria, que pode referir para a sua ordem. Veja-se, exemplo, a ordem em que ele se veste de religiosa para a sua grandeza.

Esta ordem é a seguinte: hora de Santa Francisca (1500), hora de Santa Iustina (1549), hora de sexta.

Relato (1661), hora de nona, fundo (1661), undécima hora.

Horas (sobradas) ou quais chegam — «abrandando a vinda preparada supostas a colher em frutos...» (Obra seráfica, 18-19). A passagem é feita por Serafim Leite, que toma a metade que, a propósito do cargo de franciscano, «Rocha

Se os Franciscanos podem dizer — que não devem poder distinguir os Jesuítas?

Sobrando, como outros cronistas fizeram (Gabriel Soares, por exemplo), um observador das férias natais, um espírito claro e alerta que lhe dá a conhecer bem o ambiente de vida.

Oliveira Lima observa: «é lei um apelido do Nossa Senhora brasileira régua em que nascem, ouço sempre viver, de onde, etc., não que nunca é. S. Francisco é sóvado para prender com sua voz e estuda os acontecimentos históricos e geográficos, e dito como modelo dessa sua qualidade a bela jovem poeira do Rio São Francisco, régua que assiste vai transcrição

### BIBLIOGRAFIA DE JABOATÃO

— *«Obras Acadêmicas» e outras várias presas e vitrinas, feitos e recados na Academia Brasileira dos Remanescentes. Instituída pelo Conselheiro José Macorinhas Pacheco Pereira Coelho de Melo, celebrado a sua primeira Conferência pública dia 6 de junho, dia em que festejou anos e festejou rei a senhor d. José I no ano de 1729 por Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão. Pregheto ex-Definição Cronista do Províncial de Santo Antônio do Brasil, da qual é filho natural de Santo Amaro de Jaboatão em Pernambuco, e académico numerário da Academia Brasileira dos Remanescentes.*

— *Discurso histórico, geográfico, genealógico, político, e enciclopédico, destinado à nova nobreza do Brasil, estrelado na nova lira da Ribeira, estrelado na nobreza do Brasil, Ribeira, etc., de Pádua, este mês do céu de Francisco, o toruoso português Santo Antônio, a quem é consagrado, como teatro glorioso, o porte primeiro do cronista das tradições menores do mais extenso e regular observatório, da província do Brasil — Lisboa, 1761 — E o n.º 9384 do Cat. da Exposição.*

— *Novo orbe seráfico brasileiro, cronista das tradições menores da província do Brasil, etc. — Rio de Janeiro, Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro — 1858 — Reimpresso por ordem do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Parte I vol. I — 414 págs. vol. 2 — 438 págs. — Parte II vols. 1, 2, 3 e 3 — págs. 935, com anotações do cônego Fernandes Pinheiro e um antíloque de V. pôda.*

— *Sermão de Santo Antônio em o dia de Corpus Christi no convento do Recife — Lisboa, 1751.*

— *Sermão de São Pedro Martir, pregado no matriz do Corpo Santo do Rosário — Lisboa, 1751.*

— *Sermão de restauração de Pernambuco do domínio holandês, pregado na Sé de Olinda no dia de 1731 — Lisboa, 1752.*

— *Foi reproduzido na Rev. do Inst. Hist., tom. 23, 1860, págs. 365 a 396 E o n.º 10749 do Cat. da Exposição.*

— *Josephina rego-equívoco-pensador: três práticas a um sermão do sacerdote português São José, oferecido ao rei d. José em um discurso encantador da sua Jeitosa, quase incomparável, pregado no igreja matriz de Pará — Lisboa, 1753.*

— *Gêndicos verídicos: exequias celebrações pela província de São Antônio no inicio de D. João V — Lisboa, 1755. Foram escritas pelo Frei Jaboatão, um hermão que ele pregou no convento do Recife, e a dedicatória é de Maria Ana do Rosário.*

— *Jaboatão misto em correntes incertas dividido Corrente Iº come-*

*gênico e moral — Lisboa, 1758 — São dos Sermões: Corrente 2º: panegírica e moral (inédito); Sermões a santo, Corrente 3º: sacerdócio e panegírica (inédito); Sermões: Corrente 4º: moral e ascético (inédito); Sermões de quaresma, etc. Corrente 5º (inédito). Contém sermones à Santíssima Virgem.*

— *Obra seráfica novo, brasiliense, descriptiva, estabelecida e cultivada a indústria da nova lira da Ribeira, estrelado na nobreza do Brasil, Ribeira, etc., de Pádua, este mês do céu de Francisco, o toruoso português Santo Antônio, a quem é consagrado, como teatro glorioso, o porte primeiro do cronista das tradições menores do mais extenso e regular observatório, da província do Brasil — Lisboa, 1761 — E o n.º 9384 do Cat. da Exposição.*

— *Novo orbe seráfico brasileiro, cronista das tradições menores da província do Brasil, etc. — Rio de Janeiro, Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro — 1858 — Reimpresso por ordem do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Parte I vol. I — 414 págs. vol. 2 — 438 págs. — Parte II vols. 1, 2, 3 e 3 — págs. 935, com anotações do cônego Fernandes Pinheiro e um antíloque de V. pôda.*

— *A 1ª parte é a obra anterior, cuja 2ª edição é de 1761, em Lisboa. A 2ª parte constitui a parte inédita de que o Instituto Histórico possuía o manuscrito — E o n.º 9385 do Cat. da Exposição e o n.º 1297 do Cat. da Exposição.*

— *A Revista de Cultura publicou, em 1944, o Novo Orbe Seráfico.*

— *Sermão da rainha Santa Isabel de Portugal — Lisboa, 1762.*

— *Catálogo genealógico das principais famílias que procedem de Alburquerque e Cavalcanti, em Pernambuco, e Carmona, no Bahia — Original de 546 págs., pertencente ao Inst. Histórico. Foi publicado no tomo 32º, parte I, do Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.*

— *Carta sobre Olinda. Vem no revista Arquivo (Recife), n.º 1, 1942.*

## FREI JABOATÃO

SILVIO ROMERO

**F**REI ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO é digno de alturado leitor. Dels restam algumas sermões, as memórias inéditas e a grande obra histórica sob o título: «Novo Orbe Seráfico Brasileiro ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil».

Desta obra a primeira parte em dois volumes foi publicada em Lisboa em 1761. No Rio de Janeiro fere-se uma nova edição em cinco volumes, compreendendo a segunda parte inédita em 1858-59. A biografia de ilustrado bibliógrafo é bem conhecido em suas horas gerais.

O que de positivo se sabe dela é o que consta da sua própria obra. O cônego Fernandes Pinheiro parece não ter lido com atenção para escrever suas palavras: «professor na ordem franciscana em 12 de dezembro de 1717, devendo portanto ter nascido em 1700, ou talvez umas dessas épocas. Não sei, e o cônego ajuda em nota: «o sr. Inocência pensa que o nascimento de Jaboatão devia ter sido pelo ano de 1695, supondo que o professor nasceu vinte e dois. Ignoramos o fundamento da hipótese do ilustrado bibliógrafo, sendo o nosso cálculo baseado na idade confirmada (17 anos) antes de qual é licito professor nas idades religiosas.» (1)

Se o cônego Pinheiro tivesse lido a obra do franciscano teria encontrado o fundamento de suposas a «hipótese» de Inocência da Silva. A pág. 347 do 1º volume fere: «Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão, natural certo lugar, freguesia de Santo Amaro, distrito do Recife de Pernambuco, é filho desta província, que nela professor a dose de dezembro de 1717 no Convento de Santo Antônio de Pernambuco das paróquias de Boa Hora — em idade de vinte e dois anos. Concluiam os estudos no Convento de Boa Hora, ficou continuando o ministério de predica pelo decurso de trinta anos, sendo do interior destes, mestre de noviços no Convento de Igarapé, guardião dum veses em diferentes templos da cidade da Paraíba, secretário no Capítulo de provincial Fr. Manoel de

## NOVO ORBE SERÁFICO

BRASÍLICO,

OU

CRÔNICA

— DOS FRADES MENORES DA PROVÍNCIA DO BRASIL.

II. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO.

PARTE SEGUNDA

INÍCIA

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOLUME I.

## RIO DE JANEIRO

Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro

BAU D'ESTADO, 111.

1859.

Frontispício do NOVO ORBE SERÁFICO, de Frei Jaboatão (vol. primeiro-edição do Rio de Janeiro, 1859)

## SUMÁRIO:

PAGINA 69

— Notícia sobre Frei Jaboatão  
— Bibliografia de Jaboatão  
— Frei Jaboatão, de Silvio Romero

PAGINAS 70 e 71:

— Algumas páginas do «Novo Orbe Seráfico»

— Da Capitania de Sereigipe del Rey

— Da Capitania de Pernambuco

PAGINA 72:

— O Rio de São Francisco, de Frei Jaboatão

PAGINA 73:

— Impressão sobre Pernambuco, de Frei Jaboatão

— Impressão sobre Frei Jaboatão, de Oliveira Lima

— Dois jambos artigos sobre A Réplica de Rui Barbosa — I — Uma Lírica de Portugal, de José Verissimo

PAGINA 74:

— Dois jambos artigos sobre A Réplica, II — Um Cenário Censurável de Medeiros e Albuquerque

PAGINAS 75, 76 e 77:

— Boletim apresentado pelo Dr. Cidival de Abreu, presidente do Banco do Brasil, à Assembleia Geral dos Acionistas, em 27 de abril corrente.

PAGINA 78:

— A Face Perdida, de Cassiano Ricardo (nota)

— Dois estudos sobre A Réplica — (nota)

PAGINA 79:

— Poesias de Servulo de Melo

— Dafnis e Cléó, de Mário Leão

— Fontes sobre Frei Jaboatão

— Homenagem a Camões, poema de Daniel Milano

PAGINA 80:

— Poesias da Face Perdida, de Cassiano Ricardo

Jesus Marin até a sua Congregação, e nela prelecionou local para o Convento de São Antônio da vila do Recife, definido no Capítulo de 1755 e nesse nomeado para a criação da província. Na sua primeira ida teve pleno e agudeza para a pessoa, especificamente a vulgar, de que via alguma aplauso no estado de secular, e no religioso nos primeiros anos em que apresentou algumas obras na Academia dos Esquerdidos do Bahia, assim em abono dos seus presidentes, como em desempenho de assuntos políticos; mas desde suave aplicação e divertimento de todos os estudos sagrados, especialmente de o predicar, de qual trabalho e aplicação tem sido à luz. Segue-se uma lista das obras de Fr. Jaboatão, publicadas e inéditas.

São raras e obras místicas. «A Crônica da Província, ou «Novo Orbe Seráfico», é inédita como ainda inédita. (2)

A grande obra de Frei Jaboatão distingue-se pela simplicidade do estilo e por qualidades intrínsecas consideráveis. Desta categoria são por certo grande número de tradicionais, lendas e notícias locais sobre vários países do Brasil. São também de grande valor o capítulo onde dão conta dos estudos teóricos nos conventos franciscanos desde sua fundação até meados do século XVIII e o capítulo em que faz a resenha das obras escritas pelos religiosos da ordem.

São documentos importantíssimos por onde se pode penetrar no estudo da cultura das congregações religiosas do Brasil nos tempos coloniais e em geral no estado da instrução popular.

Jaboatão é um cronista sem pretensões, sem charras, com oitava rítmica.

Sua leitura é insipida algumas vezes pela insignificância dos assuntos, mas em geral é fácil e agradável.

Não escapou a divâns inexistências de fatos; mas a sua boa fé era evidente.

Se não tem a simplicidade inimitável de Cardim, não possui também as exuberâncias pedemissas de Pitta.

De todo o livro pode-se escolher um fragmento, que, por suas verdades e ainda mais por seu erro, é um excelente documento do estado dos conhecimentos geográficos e históricos dos brasileiros. Um pouco mais de um séc.

Refer-me à descrição de rio brasileiro por excelência, o imponente São Francisco.

(História da Literatura — 1.ª edição, pág. 364)

(1) «Resumo de História Literária», I. 2.º pág. 415.

(2) Vol. I.º, pág. 347 a seq.



# Algumas páginas do «Novo Orbe Seráfico»

## FREI JABOATÃO

apostila de São Vicente, para onde se manteve que fôsse à Índia, como o frei Duarte Coelho Pereira, na Pernambuco, como agora veremos.

23. Viera fôso da Índia o tempo, que o magnânime Rei D. João batizou os descobrimentos das Capitanias e pôs-lhe também um ou Rei. Isto obteve-se em prêmio de serviço, e foi este o do Fernandu, em altura se 7 para 8 mil, assimilando-lhe parte da sua comarca ligeira de costa, entre o Rio S. Francisco no Sul, e o do São Lourenço no Nordeste. Por que levaram estes dois de limites, vem a ter muito mola por conta, e por tanto mais de que é esse limite entre parte da costa do porto de Lisboa partiu o Coelho no ano de 1530 com esquadra de navios a sua comarca, e embarcou todo o seu batalhão, e outros parentes seus, alguns e outras muitas pessoas, e que o conseguiram acompanhá-lo, e assim fôs que fôs que o levaram velo pelas águas de setembro do mesmo ano pela barra de Tamandaré, navegando pelo Rio Acimba e costa da Ilha, tomou porto no que chama Maracai, da parte da terra chamado com esse nome, por ser princípio fôlo a demarcacão da Capitanias com a de Tamandaré, Pedro Lopes de Sousa, o qual havia cinco anos antes havia estado no Brasil, e inventado ali uma Fazenda, e o nome del, Rei, quando no dia 22 ou 23 do mandado pelo Rei, e o batalhão fôlo a Ilha, e fôs a Ilha em seu lugar se dirá, de Maracai, por ser seu território esse, de antiguidade Duarte Coelho, e deixou o Rio, que cerca de, e buscando outra parte a Sul pouco águas, navegando por um deserto ponto ou litorânea fôrtil, e saltaram para um grande apontamento que no alto a margem d'água tinha uma muralha forte e alta, que depois de longa resistência e perseguição, foram vencidos e presos, foram mortos e oprimidos os seus homens. Foi a última vitória a vinte de setembro, dia dos gloriosos Santos Cosme e Damiano, e os moribundos conseguiram logo o lugar, levantando rele igreja e o deus principal a uma povoação depois passou a vila com os de São Bartolomeu, e oito a vila da Capitanias de Pernambuco.

Mas não achando o lugar, e o passo com suficiente abrigo para fundação da capital, resolvem fôr solto, buscando a barra, e fôlo de Pernambuco e assim criou-se o porto das novas possessões, e o posto a costa para o sul, posta suas tendas em marcha, a ordem de que mandando adiante abrir estrada de lugar de Igarapé, onde fôs muitos e seixos seguros e perigosos, fôr assim feita a estrada de duas ligaças, entre as quais chamam Maria Firinha, e Pau Branco. Por esta marcharam a ponto querer, e vista das suas naus, e um sem costume receio do gentio por aqueles costas tinham habitado, e por entre as brenhas fôradas alguma assiduidade, mas não se arriscavam que lhes emboscasse marcha. Assim a fôrma continuamente fôrada limpia, rosa, secado de cresta solha, de quatro lados sem emboscado de risco, porque um, que no meio deixa fôrta mar, com o nome de doca, e o porto das suas águas, e por o fôrto que nesse distâncio opõe as aquedutas alagadas águas, e fôrada furtada pelo tempo dentro, que com habitadores das suas terras morgens, por uma boa estrada de ligaças, e entre águas claras e limpas, fôs sem reparando avançado, e parou corrente, fôs nôo emprunçavam na costa o passagem de peixe mar, como não impediu os holandeses que de Pau Amarelo para Olinda fizeram por esta mesma praia e sua marcha. Na fôrta desto, dando visto de uma levantada eminência sobre o litorâneo a parte da nascente, coberto de verda, e frondosa arvoredo, disse o capitão alegra, com o aprovado, e delicioso, que lhe pareceu o lugar: *Oh que linda situação para uma vilal!* E daqui se ficou che-

mando, o que nesse edificaram Vilas de Olinda, e também de Maceió, nome que já tinha, e ainda conservou muitos tempos, império pelos seus primeiros habitantes Tabocadas, que nesse lugar estavam de assento, com uma povoaçao, em aldeia dos malaquitas e mais abandonada de gente de todos os que havia por estas costas. Com estes e outros nôos mais das muitas que por aqui residiam, especialmente dos Caleteiros, assimilaram quantidades de franceses, dos que vinham a estes portos ao comércio e misturados com estes gentios, acostumavam aquí agora, como em suas ilhas lugares, a sua resistência, como se entendiam, que em bocanadas por vendedores, eram elas as mais interessadas.

24. Ocupou o capitão a omnisciencia, e quando que não achavam se lhe o nôo de 1530 de armas, supunham que sem elas o não fôria, porque os que referem essa entrada, só declararam que nesse alto, onde hoje está a cidade de Olinda, que é o que chamam Rio Neiva, entre a Sé e a Mineração, fôro a atração primeira dos novos fundadores. Naquele lugar viveram Duarte Coelho, fôlo em levantar uma torre de pedra e cal, com os mais reparos para a sua defesa contra o Gento. Com entro, possuindo primeiras diferenças, conservou bon posse e domínio por algumas temporadas, os quais, em perda natural desses barcos, ou derrota dos franceses, os quais fôs desses os nossos também alguma crise, se rebellarão leda, e fôlo tão grande o apetito, em que pussem os portugueses, que por mai os franceses, e por fôrta o quanto unidos estavam, os derrotaram muitas vezes, e alguns os levaram encarcerados, e em grande necessidade da fôrta a sôlo, porque no alto de monte não havia água, e era necessário ir por alta fôrta da fortaleza e povoaçao, com muito risco. Mas como a empresa era de Deus, acudiu a sua Providêncio no último cerco a essa necessidade com um remédio não esperado, que fôl vieram trazê-la a casa os mesmos gentios. Andava entre os portugueses um deles, chamado Vasco Fernandes Lucena, grande linguista Gentio, e estimado entre fôrta, no tempo da paz, por valente e astucioso, e como o outro, Caramuru da Beira, todos os principais o prelecionaram para parente, por comércio das tribus. A fôrta se havia elegerado num alto indio lobo de material dessa aldeia. Conseguia estar a gravar de outros os portugueses, encerrando-lhes as semelhanças com que os seus parentes os perseguiam, e tentou, e tentou colinas lhes soube dizer, que moeu a muitas delas a que os socorressem, naquelas apertos e necessidades, em que de presente os haviam pôstos os seus e casas, e quinhentos indígenas vadiões, a que fôlos chamavam caboclos, cheios de água, com outros mantimentos e frutas, os traziam aos cercados, e isto executaram por muitas dies, e com grande recato, e segredo, que tudo serviu de muito alívio aos sitiados, enquanto o Príncipe diaphunha cuide cosa, nôo tinha notícias.

25. Aquela Vasco Fernandes Lucena, de quem já falamos, moveu não sei por que impulso, sei um dia de Fortaleza, chegar ao campo de gentio, e consegui fazer-lhe uma oração pública no seu lugue que fôlava com perfeição, que vissem bem o como andavam encravados, que fôsssem amigos dos portugueses, que sempre o lorum sede o que deixavam os franceses, que os engabavam, levando-os a perdição, porque era gente que só tratava da própria conveniencia. E como croybatado de outro, impulsivo de mais empatia do pratico, pegou uma vara, que fôlava na mão, fôs com ela na letra uma grande cruzaria, como quem combava; mas fôs pelo que fôsse, o deito praua, e dito porque ameaçavam o seu, ou os das suas amizades co Vasco para o matarem, o mesmo fôi querer passar a cura o Senhor consagrado em hora sacra e de todos os amigos, e o seu príncipe S. Miguel, um templo e Igreja, como logo se levou.

26. Com esto vídero, que mal se deve atribuir a milagre, que a superstição, levaria os portugueses a mal desembolados, mas não tanto, que fôs não restasse ainda muito que vencesse, porque não era este só gentio que habitava o monte de Maceió, o que lhe fôra apropiação, porque outras muitas fôs ficavam também circunvizinhas, e eram em numerosa quantidade, por ser aquela continente de Pernambuco muito povoados e opa-

## OBRAS ACADEMICAS, E OUTRAS VARIAS, Prozas, & Versos,

*Feitas e recitadas na Academia Portuguesa dos Bengaleiros, instituída pelo Conselho*

*Joseph Mascarenhas Paquet Pereira Coelho de Albuquerque*

*Cobrada a sua primeira Conference publica, em 6 de Junho, da imprensa nova, Edifício Ruy Guerra*

*D. JOSEPH  
nascido 759.*

*Por  
Fr. Antônio da Maria Jaboatão  
Padre e Dilector Conselheiro da Rainha  
Chefe Histórico de Brasil, daquel  
Ex-Silo Antiquário do Museu  
de Olinda em Recife.*

*Academico Numerário da Academia Portuguesa dos Bengaleiros*

*Ruy Guerra*

*Frontispicio das OBRAS ACADEMICAS, de Frei Jabolatão.*

confirmando-se na opinião que fôrante fôs andava, as que aquele homem era filisteu, que virando as costas os mais levantaram o cérebro e os puseram em fugida.

26. O culto certo histórico é o P. Fr. Vicente de Salvador, Custódio, que fôl nessa Província, em tempo que era Custódio, e exerceu unido a de S. João Antônio de Lisboa, no seu livro monastico de História do Brasil, onde fôs estas palavras: Eu *ado etra este sucesso, ainda que o Escrito por pessoas que o afirmava, se não adoubera que nesse próprio lugar, donde se fôs a ricas, defende de Fortaleza, se edificou depois um sumptuoso templo, dedicado ao Salvador, que é a metade das maiores Igrejas de Olinda, donde se celebraem as Ofícias Divinas com muita solemnidade; e assim se não havia de tributar a Igreja, se não à Divina Providência, que quis com este milagre singular o stilo, e humanidade do seu templo, e acudiu os pobres cercados.*

Astêm o relato: o pudera comprovar o seu credito divino, no dia que se erigiu o templo, que aqüela não erigiu no emprêncio de Olinda, e no lugar em que se levantou depois aquele templo dedicado ao Salvador, igreja capitular da sua vila, e é hoje a Sé Catedral com o mesmo título, com outros capelas similares, em que pelo Senhor se ter reservado para morada sub, e dos seus Santos, permitiu neles outras maiores maravilhas, que se acham escritas nos Histórias Sagradas, especialmente o de Monte Gargano, onde os santos, que se despediram contudo o fôrto amontado, que a elas se havia encobrido, não por força milagrosa, mas por virtude cívica, se voltaram para os maiores, que cu despedidas porque naquele lugar queria o Senhor consagrado em hora sacra e de todos os amigos, e o seu príncipe S. Miguel.

27. Com esto vídero, que mal se deve atribuir a milagre, que a superstição, levaria os portugueses a mal desembolados, mas não tanto, que fôs não restasse ainda muito que vencesse, porque não era este só gentio que habitava o monte de Maceió, o que lhe fôra apropiação, porque outras muitas fôs ficavam também circunvizinhas, e eram em numerosa quantidade, por ser aquela continente de Pernambuco muito povoados e opa-

os que nessa se anteciparam os chamados Tabocadas do lugar de Marim, que muito, e fielmente, ajudaram aos portugueses contra os Canetas de Pernambuco, seus declarados inimigos desde o princípio da entrada destes por estes costas marítimos, que dominavam os Tabocadas.

28. Com os países destes, e de outras muitas das Celetas à sua imitação, e com a retida dos maus para os súditos, pelo destruição, que neles fizeram com os portugueses outras nações, e, e socorros dos gentes e pessoas nobres e ricas, que do reino, à insistência do seu Domínio foram concorrendo, se fôl também dilatando a conquista para o interior da terra, e seus arredores, levantaram novas povoaçoes, fôbocaram engenhos e fazendas e prosseguiram com grande aumento a Capitanias de Pernambuco, que já em estado próspero, fôsceu em Olinda no ano de 1554 em 7 de agosto, deixando a sua mulher D. Brites de Albuquerque por regente da Capitanias, e tutora do seu filho Duarte Coelho de Albuquerque, se achava no reino, e lá se deixou, e governando a mal só até o ano de 1560 o tempo que lá chegaram notícias do perigooso exílio, em que se achava este Capitanias, por um levantamento geral, que havia fôlito todo o seu gabinete, causando novas povoaçoes e lugares de seu distrito muitas e graves danas, mortes e destruições nos engenhos e fazendas; para ocultar a tantos males, o prelado a roinha regente, D. Carolina ordenou a Duarte Coelho de Albuquerque, (\*), novo Domínio, e seu herdeiro, passasse a Pernambuco. No ano de 1560 chegou a Olinda trazendo de consigo o seu irmão Jorge de Albuquerque, nascendo de ômnia e ex-peitor. Tomada a posse da sua Capitanias, a achou em tanto aperto e contrarriamento pelo gentio, que não curvavam os moradores de Olinda para fôrta da vila, mais que uma cláusula ligeira pelo fôrto a dentro e o longo da costa, só três a quatro. Para tomar resolução do que se devia obrigar, chegou a conselho as principais e nobres pessoas da vila e, com parecer de todos se consentiu que para a nova guerra e conquista do levantamento gentio fosse nomeado, como fôl, Jorge de Albuquerque, seu irmão, por cabô, e comandante. Aceitou a empresa e no mesmo ano de 1560 dei principio à guerra, começando-a pela parte do Rio de S. Francisco, em campanhas de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque, descobrindo muita parte dele e das suas margens, e pelo terreno dentro, por onde retirado Duarte Coelho de Albuquerque, para Olinda do Rio, vêlo seu irmão Jorge de Albuquerque continuando a conquista de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque, e porque tornou muito digno de memória os trabalhos que nessa guerra fôderam feitos, não queremos deixar de os repetir numéricamente assim como os relatou em comum o que escreveu na História (\*) do nordestão que teve com Jorge de Albuquerque embarcados de Pernambuco e os inimigos que fôraram em sua companhia muitos soldados, e cristãos seus, a quem deu de comer, beber, vestir e calçar à sua custa. E cinco anos, que gastou em conquistar a dita Capitanias (de Pernambuco) pelos montanhosos e serras, várzeas e invernos, de noite e de dia, possuindo muitos em si grandes itabubás, sendo elos e os seus soldados e criados feridos muitas vezes, perdendo algumas e pô, e outras a cavalo. E quando se vinha recolher a alguma das lagunas ou Vilas das nossas portuguesas, que via e não podia chegar com a dia, no maior e mais formoso bosque que achava, se espalhava ao pé das árvores, com mandar falar cheopas de rame e polena em que se aguinhavam sem os soldados; e assim rumas e cheopas mandava fôrjar por muitos escravos, que trazia em sua companhia que serviam de descobrir e vigiar o campo e o lugar onde se aguinhavam, justamente com alguns soldados, passando tantas fomes e necessidades, que muitas vezes não tinham que comer mais que carentes coxões de mato e farinha de pau e fruta brava do campo. E com essas coxões e com os palavrões que usava

# Algumas páginas do «Novo Orbe Seráfico»

com os soldados, os contenteava e charava; a quando tomava alguma aldeia ou vila das gentes, sorteava os dílos soldados com muitos porcos, galinhas e outros manjimentos da galinha que achava nos dílos aldeias: e, a bordo de temer: alguma aldeia, logo abrindo outra, e a tomarava com facilidade, por não terem tempo de se fazerem prontas. E com esta diligéncia e brevidade que pôs neste conquista, a podia concluir dentro de cinco anos, estando tão povoada de inimigos, que quando chegou à dílo Copitânia não ousavam os portugueses, que moravam na Vila de Olinda, a sair fora da vila mais que uma ou duas léguas para terra e dentro, e só longe da costa, três ou quatro léguas, depois que acabou de conquistar, seguramente padem ir quinto, visto levar quatro polegadas e dentro e saíram de longe da costa, por tantas terças dílo Capitânia de jurisdição. E de quando a Capitânia conquistada, e os inimigos que estavam pacíficos, com permissão, para a qual lhes concederam, se embarcou e veio para este reino em o nome de São Antônio, a 18 de maio de 1665, em que partiu de Olinda, na qual vingem: Ihe aconteceu a que neste naturalmente se contém.



Uma procissão no panteão do Corpo Santo, no Recife do tempo de Frei Jaboatão.  
Desenho de Percy Lau para o ARRUAIR de Mário Sete.

de Albuquerque e ficando em Per  
nambuco seu irmão o Coronel Dami-  
ão de Albuquerque tendo à sua  
tempo todo o gabinete quieto, quando he-  
dendo as tristesza em que vivia  
porque encarcerado o Rio de Janeiro

pelo Governo do Rio Mein de  
Sa no principio do anno de 1567, vis-  
tou com quanto para sobre Penha  
novo, e se apoderaram de Recife; po-  
rou que pequena habitude de alguma  
precauão e poucos homens se na-

abolo, com o intento de se conservar rem nôlo, dando logo princípio à sua fortificação. Mas quando de Oñate D. Pedro Coelho de Albuquerque, forum combatentes e obligeados, e opesas da resistência, a largar o posto, e em-  
barcaram-se, deixando como passatempo na sua pouca permanência, e leonida de queixa contra elô, este romântica sentença de seu idioma: **Le mundo  
va de pié mas pié** O mundo vai se mal a pie. Expulso de Erete no horre-  
os, e posta em paz com o perdão dado a Copilhas, e em grande cumprimento do lujo e comércio, se retrai para o reino o seu Donatário no ano de 1572, deixando com o governo e sua corte, enquanto manteria de lô a seu irmão Jorge de Albuquerque, que  
vindo no ano seguinte a governar os  
cinco de maio de 1575, e por sua  
quesadura seu Ilio Jerônimo de Albu-  
querque ate 1584 que faleceu, e  
lhe veio suceder Alexandre da Mouri-  
a, e assim custou pelo tempo odioso  
Lixosa Jerônimo de Albuquerque na  
merita descendência de filhos natu-  
rais, e também muitos legítimos de sua  
sua espessa d. Filippo da Melo, filho  
de Christoval da Melo. Entre os no-  
táveis teve o príncipe D. Catherina  
de Albuquerque, que casou de D.

Maria de Espírito Santo, princesa filha do principal dos gentios Tabáras de Olindo, a qual casou com Filipe Cavalcanti, fidalgo florentino, dono muitas encravadas daquela Beira alta, e desse trocou descendente Cavalcanti de Pernambuco, que se propagaram para outras partes do Brasil. Enganou-se o rei Américo Portugal em inverno de 1510. Colônia de Albuquerque e de sonorte e ali nomeado D. Filipe de Mello. Em caso de Filipe Cavalcanti recebidas e ouvidas missas religiosas, primeiras fundadoras do convento de Olindo.

13. Duarre Coelho Pereira, Pátria Donatária de Pernambuco, filho terceiro de Gonçalo Pires C. lho, senhor de Filgueiras, e nhou no Inhaú, e tenente de Malocas e o seu capitão Jorge de Albuquerque e quem acompanhava nestas conquistas e voltando para o reino no ano 1527, Jorge de Albuquerque casou Duarre Coelho Pereira com sua sobrinha D. Brites de Albuquerque, filha seu irmão Lopo de Albuquerque

# O RIO SÃO FRANCISCO

---

FREI JABOATÃO

**O**ra de São Francisco, assim chiamam, porque nem devem ser em dia do sétimo domingo, nem entendo a primeira vez pelas razões portuguesas e as das três nações que falam e falam o idioma da terra, e da Póvoa e zona e do Porto para o Sul, fazeendo o grande círculo, ou aneladorado que a lousada, em desenho de um círculo de São Francisco, envolve, e só nesse meio tempo se pôde fazer a volta de mil, ou de metade por cima e por baixo. Milhas e milhas navegando, ou caminhando, encostamente. Mas não dor o nome de fábulas mitológicas, recorrem os schimais que governam estas palés, e servem ao Brasil, uns arrepiados pelo denúnia, sempre no seu modo e no que secova a este sua palma admirável, outros encantados pelos relatores como é hoje nos que escrevem coisas novas; para os fazer mais credíveis, encantados. E, se assim a vida, que para Elas fez ser um dia mai celebradas nalgum do Brasil, mas de outras partes do mundo, não lhe eram necessárias lieges poéticos porque nas suas próprias e no seu particularidades tem bastante nobreza por ser nobreza. E deixando de repetir o que têm contado da sua esperança e cachaço, que com estrando da sua queda atirou por nobreza de uma lágua os seus vizinhos morotes e compõe imediatamente a lama espuma em areia, espinhos ou borlões com as suas águas por uma grande distância na contorno e proba que homens a sua vizinhança e indagações, deixando o que disseram de medeiro, sumideiro, por onces, quando entro Alphense, entrando Ibiapaba e sua corrente, depois de andarem dezenas leguas por behas da terra, ressentem-se ou renascem cuba ver linda, que afirmaram da sua origem no horizonte lejão, que se forma das vertentes, que correm das serranias de Chile, da qual escorreram nosceles tenebrosos os dole gigantes dos óculos e Pôvoa e o Porto, que se labirintizaram das chaminas Amazônica, que tem

em excesso, comuns por vezes e a  
lascivios, especialmente de origem  
religiosa desse províncio, que na antiga  
é Minas o vício e pródromo quase  
tudo. Por uma barra de duas leguas  
na altura de des armas e um quarto  
entre no mar, interrompendo-se por  
águas e animado caminho pelas sal-  
gadas do oceano as suas ditas e  
enfurecidas correntes, que em tem-  
porâneo afundam os navegantes a  
chegar a gente, separadamente em  
as suas muitas barreiras. De entre  
elas por este lado a embocadura  
correm os canais e bocas e se  
arrisga que de sua primeira saudade  
sobre chegam *Ponto do ferro*, e  
navega nos tempos passados muitas  
vezes a fôrca de milhares, que dayol  
se desvanecem. Desta primeira en-  
cruzaria ate a secundária, que chegam  
ao Paulo Abaixo, tanto e se por  
dando de chegar mais leves, e a  
deixa e celebrado rizalito.  
Desse nôvelo e fôrco empôs a pou-  
nhadagem das que primeiramente o  
descobriram, porque vendo o Rio nas  
suas infinitas lazeras na entrada dista  
lugar um estranho remanso, ou logo e  
excedendo-lhe por entre serranias  
que lhe formam abrigo, e não expõe-  
m-se em suas águas, sentiu dor e  
desse seguia, entediando com a tod  
per desredo da terra. Mas é certo  
como se vê agora pelo que se cha-  
gam isto ao porto das suas mor-  
adas como todo por um estrâmo, ou  
canal, que entre as serranias de uma  
e outra parte se lances. E sem dâ-  
vise, afirman os que melhor elocu-  
tem, não ser possível comunicarem  
doses as águas de Rio por este estre-  
lo canal, e que é provável, que por  
deleito aquelles serranios, ou pa-  
membram, hão governos, mudanças e  
verdades mais extensas, por onde  
ficam a sua corrente milita das  
A tanca, que corre por cima destas  
serranias, é fôrca a rota, e que che-  
gam todos lobelicos, e por elas fazem o  
seu caminho as que sobem para os  
sertões e Minas, ou descem por elas  
abixo.

O que mais se deve notar, é todos admitem, e viu o padre decidir Dr. Francisco do Conselho Trigueiro desceando das Minas para esse conselho, é que fuscado o rio seu curso por entre as pedreiras da parte de cima, como com brecha com pauzilhadas, entra de chega' do suposto sumidouro das serrarias dabantos, faz a ferro nôsta mais uma buixia, cada vole, ou campina, com a mesma largura pelo circuito de cerca de uma das partes e pelo meio desa, por outro lado lambem estreita, que terá de duas ou quatro braças.

... e nenhuma alguma, que se não  
é tempo de tanto, que causa  
o dia que o dia querem chegar, e o  
tempo que o dia é, é o dia que  
não entre no estrado do suposto  
unifício, se pediram lamer os vóos  
deles dois canais com um bom sôlo  
E loro disseram que seu dúvida vóos  
e para a administrar, e foi quando  
não notável, que o dia chegou, ou  
que dia que fêz para esse dia, vale, e  
verem os vóos de dia no alto das  
curvas de clav, encantadoras, só  
nos es trechos, logo que come os  
cacos, por este canal de vargem, se  
não veja mais o dia que chegam os  
princípios des tormentas debaixo,  
tendo apresentado outra vez, quando  
se vê o encanto pelo estrado, que  
chamam amarelo, sem os poder  
e inspirar os vóos e amarelos  
em porto canal, da vargem, tanta  
realização de esquadrilhas, mas os poder  
malhando os que os deixam para o  
verão e primavera dia, estão vendas  
entre os portos de dia e dia, pela  
ladeira ver-se e canais, e não operar  
e dia, só no quando vai cheio,  
então cada dia o vôlei. Da segunda  
descoberta grande de Pedro Almada,  
algumas das suas flores legumes adianto,  
velha a borda, também grande, chama  
rada do Rio-Vitor, e por todo este  
domínio, por mais de quarenta lá-  
guas, desde a primaria do Rio, que  
era, se não pode pinguar, o rio com  
embocadura alguma, por correr sempre  
por entre serras, pedras e despe  
laderas. Do Rio-Vitor para cima,  
por mais de sessenta léguas, só a  
última cotação grande, que chama  
de São Francisco, ainda se acham entre  
cursos de meias notórios entre os  
aqua com bastantes paradas e pilões  
leste já se navegam e o dia não con-  
tinua embarcações se canais. Desse  
Último escoador até a barra de rio  
das Velhas que das Minas Gerais se  
vem neste, pela parte do norte, neste  
do São Francisco, já se navega  
com toda sorte de embarcações, por  
meio de dezenas léguas, por ter todo  
limpo e não havia nela mil coches  
e serrarias, que embarcam. Da  
mesma sorte é navegável e limpo por  
meio de cem léguas só de margens  
correspondentes da barca da vila de  
Pitangui, que fica em distância de  
meio hora a parte do mesmo norte  
vingam de seis dias. E o Pitangui  
outro rio, que entra também como o  
rio Velhas neste de São Francisco, e  
ainda com mais água do que este, e  
chamam à sua barra o Poco. Dista  
a Pedra Furada vinte mola de cinquen-  
ta léguas. E este *Pedra furada* um  
grande e largo penedo ou peneda,  
que forma a foz de uma a outra mar-  
gues, formando uma serra abobada.

corrente a qual passa todo o Rio e suas águas. Dequi corre ainda de leste metade a Rio no norte de vinte e quatro ofe o que chamaem Beira Mar, que é impenetrável; porque além da sua extensão, ou em longeza, não tem pântano ou chapadões que sejam passar tempo e voltar, e desse é que nasce, e entra à o leste e origem do Tambo e grande Rio São Francisco, que para ultima extremidade se ser em tudo notável, quando se vê arco destes serra Brasileira, ou parco, a é grande, exaltada e ravelhado. Estas são as inagunadas **verdades** das serranias de Chile, das quais queriam os primitivos indígenas países possuir fazer intercessores a São Pedro, ficando elas no Santuário de São Domingos, que os de São Pedro, Minas Gerais, e Pernambuco, que queriam possuir parte da novas de Noroeste e Tocantins, e fôrtem por exortar os sacerdotes de três meses de viagem pelos sacerdotes de destes nomeamento do Rio e suas bacias, exercida entre estas e a nova estada noivas e vassouras serranias, nos traziam dan quais se iam os tiquetes produzindo e infundindo prega para que parte com cobreiros e mato de Rio, e de mesmo caminho para as serranias de Chile, que são as que correspondem à nascente destes rios ainda que lhe mete em meio outro muito menor de terra. Nem éste no Rio S. Francisco, na corrente em que as novas moradias existentes estão porções de leste Brasil e Indias Orientais, podia recorrer a seu nascimento das águas e serranias das serranias de Chile, porque entre as terras destes reinos, que liga a costa de cima parte da América e Indias de Castela e a parte da costa do nosso Brasil, que lhe corresponde, a distante província de Paraguai, por meio da qual atravessa o Rio do Prata; a qual da sua barra que liga o resto de Brasil, tendo a costa com a costa do reino de Chile, deixando ante val cortando pelo o norte, por meio de todo Paraguai, nos territórios que é idem correspondência do reino do Peru, tem sua origem; e assim era necessário, que passa o Rio de São Francisco nascer das águas das serranias de Chile, deixando as correntes de novas e vassouras, ou seja, as que

A maior antobilidade daquele rio é a das suas encharcadas tempos correr das invenções porque nestas modas que não se salta com os que lhe concorrem e só é participo dos mais ricos que nela entram, pois por muitos que sejam de se lora, sempre se deixam faltar recados nas suas margens mas que só rora o espírito das suas encharcadas são pobres.

## Impressão do Recife FREI JABOATÃO

Cheguei ao Convento do Recife na véspera de S. Bartolomeu e com cerca dezena de dias, passei a este da cidade. O que nela vi primeiro, que tudo, foi o ponto do Voradoura: o leil de dizer verdade, foi a primeira vez que a vi, e bem posso dizer, que depois que a vi, estando ainda no Rio, ao fumar do pôr-do-sol, fiquei eu, a mais a canda, só vira, e os passados depois de tantos anos, quando as varas.

Cheguei no convento, e assim como pus as pés, logo lhe dei xeque à fumaça, jaz em lugar fraca, e lavadas ventos pela parte do mar; e como das águas, que nem o céu é, tão eminentemente nos ficas éis, quando lhe lanço os olhos, prime, o seré a primeira vez, que deixam ver botas sobre lamaçanõe, barrete em cabeça de capuzinho, e os estes dois fica a si desviada com tanto a parte de poente. Ali pus também a horas, que rezava Vésperas os Reverendos Cónegos. Entre todos eram dois, e cai em que ilheiros ou cordas, desejei dar um par a meio de nós a ver umas diás em número; mas logo que elas roçavam alcaçuz, que não dais e ex. já tinham os nãos. Tive a São cinco naves de outras diás, porque se aboto da Sé chiamam esquelas, que não endoimbradas de todos a que nela São há porque as suas águas de todo tempo tem acabadas.

A noite não esqueci estãos os Coriolanus a Bento, e fiz por novidade que cedesssem aqui e me direi, para em tudo nos querer levar a maior mas é porque aqui não são São, e que têm não pode tudo. Contudo, eu entre elas aqui fico nesta terra, quero dizer, Olinda. Não me tem parecido mal, porque tudo está e bem pensado. E assim me quei, porque rosas não lheve em cláusula, e quem me manda tão longe, e galanteia é, que sempre lhe digo de ser claro, e que é isso, como isso. E o que penso é que a iluminação é que quando as suas coisas mais de graça, e que mostram que não têm preço.

Porém raras não haverá por qd' que, e se nenhuma alguma se encontra, é certo de qd'. Não lhe faltem ruínas nem valências, sendo que nos mais antigas, ou vi fósseis perfeitos. As mais bonitas devem ser o corpo em toras, mas entre algumas pedras de paredes, se dividam ainda pendentes algumas peças, que entre queixas caídos, movem as tendões e abrem os espíritos.

Finalmente, se no mundo há Paredes terrestres, dissem muitos ser este o Paraiso do mundo, não só pelo variedade dos pomos, e o galante das frutas; mas sim porque, se bearmos no Paraíso, se dissem os almas: «vimos desde Paraíso, não deixamos os beatos, e por isto não nos culvaram cravaram os devotos, em orações, e demarcações se multiplicaram e porque não bem despachadas, idem, nem justas, e se tomaram aqui fico porque quando que tinha mais por que descer, não tenho agora lugar para mais». — Frei Antônio de Santa Maria (1600).

(ARQUIVOS — Prefeitura Municipal de Recife — 29 de junho de 1912. Una carta dirigida a Frei Jaboatão sobre Gândara — páginas 144, 145 e 146).

# Dois famosos artigos sobre «A Réplica», de Rui Barbosa

## I - UMA LIÇÃO DE PORTUGUÊS

### José Verissimo

NÓS (parece-me escusado declarar que neste plural, sem a inclusão de modestia, me inclui também) não achamos a nossa língua, fato late, não desconhecendo dos que se ocupam da vida literária brasileira, que ainda os menos sabedores, como eu, tinhão a cada passo ensaio de verificá-la, acabá-la e o. Rui Barbosa, com a sua alta competência, de pôr de manifesto no seu luminoso parecer sobre o aspecto veracílio do projeto do nosso futuro Código Civil. Entendendo Redigido primeiramente por um moço, doutor e professor de direito, justamente aquando pelo maior que seja o seu mérito. O sr. Rui Barbosa, o eminentíssimo corretor do projeto do Código Civil, é talvez, com mais dezoito anos, um escritor neste campo. Eu sou, sem a incómoda porcentagem que torna a admiração desonestável, o exame da língua, e certamente, com o exame da língua, é certo, reunir «a élite da nação», e especialmente por via de seus membros que, é de super, foram escalhados, no nascel das suas vinte representações, desse projeto, após quatro ou cinco redações sucessivas, não podendo ser publicado, tal qual foi, quando nem daquele nosso ignorâncio e mais deprimente testemunho. Como demonstrou a trabalha de Imprensa nela efectuada pelo sr. Rui Barbosa, verdadeiro trabalho de Hércules, não ha nesse projeto simples defeitos de compreensão literária, inconvenientes, cacoções (algumas das quais o critico preferia se ler escusado do autor) perissologias, óticas condonáveis, ou falta daquela elegância que é a composição das línguas, como a clareza e a sua probidade. He mais, e, a creio, embaraço, erros grossos de gramática, descrepanças graves, impropriedades léxicas imperdonáveis, herborismos e solecismos, neologismos escusados e, e, inadmissíveis, que tudo junto concorre para tirar da disposição dessa grande lei as qualidades de certeza absoluta de necessária, de claras que em lei é intuitiva, mais que nemhuma culta escritor, devem ter.

Vem esta lamentável ignorância da nossa língua, que é de novo fato não ser sonha confirmar, de causas diversas, algumas naturais, como os mesmos que modificaram aqui e raro português. Não é mais razoável querer que a língua portuguesa passada à América se não tivesse modificado, ou adulterado, se preferem, que exigir que a raça se conservasse pura. Mesmo em se não cruzando com outras gentes, como aconteceu nos ingleses da Nova Inglaterra, se as in-

## IMPRESSÃO SÔBRE FREI JABOATÃO

OLIVEIRA LIMA

NÓ MEIO intelectual, porém, em que tricolorem, Roche Pita, Jabolão, Pedro Taques, o paulista Frei Gaspar da Morte de Deus e outros cronistas mais do nosso século XVIII, opõem continuamente a fixar-se no continente das ciências morais as ilações históricas que procedem às ciências sociológicas, isto é, a inventar, relacionando-as entre si, pretendendo-as com elas a evolução nacional, os peripécias bárbaras e as raras manifestações de cultura de que o país te sente tempo.

Critica histórica, propriamente, é isto busca-la, ainda mesmo nos mais completos e valiosos dentre esses tricolores, na declamação senhora da fôrma, ou na crônica muito menor florida no estilo, mais difusa talvez no assunto, porém igualmente estimável como repertório de memórias brasileiras, tecida pelo pregador franciscano para glória da sua ordem monástica e divulgação das belezas da sua pátria. E bem presentes as tinha Jabolão, pois que no Norte nasceu em 1695 e nunca do Norte se cunhou, num apêgo à terra de devoção louvável, visto a disseminação da congregação religiosa a que pertencia poder-lhe localizar, como a outras, uma transferência para o reino, mais raramente de grandeza e de intelectualidade para o pobre colônia opinião, quase segregada da civilização.

(Oliveira Lima — Aspectos da Literatura Colonial Brasileira — páginas 135, 136).

mos de ficar em contacto com o pensamento dos que nos precederam. Essa necessidade inegável, quase não a sentem os povos novos, resultantes da mistura de gentes diversas, sem cultura, sem passado, principalmente literário, de que se glorie. Um dos nossos mais célebres escritores encarregado de Portugal ha pouco. Imediatamente a vida literária ali, que a superioridade das portuguesas sobre nós é que têm têm por si a tradução, uma língua feita, que foi sempre bem trabalhada e onde se moveam à vontade, no contrário dos brasileiros que parecem sempre em trabalho de tradução, como o negro ou o estrangeiro. E o que faz em Portugal, onde a galicismo de palavras, o uso de termos e expressões francesas, é talvez mais abundante do que aqui, o bárbaro da língua, que é o essencial. É muito mais do que aqui consonte ao gênero da língua. Nós não podemos, sem perder em espontaneidade, em naturalidade, em nacionalidade, que lucramos em versatilidade, escrever como se escreve em Portugal, pois que nós não pensamos, não sentimos, não recebemos as impressões como os portugueses. Aliás, nunca podímos escrever como eles, e é uma página de sr. Rui Barbosa, eu acho certo, não ilustrar um perspectiva conhecedor português do linguagem. Castilho, um Camilo, um Hercule, sobre a sua origem, enquanto a nós essa mesma página nos parece mais portuguesa que brasileira. Ha um fato que sempre me impressionou: a nenhuma influência do sr. Rui Barbosa, escritor, sobre os nossos escritores, mesmo os que mais o admiravam. Essa influência que, eu diria, devejava, como certeza, no espírito de quem estuda, de falar português, compreendi depois, se não podia exercer porque o sr. Rui Barbosa, como escritor, era aliás o seu meio: admiravam-no os seus escritos como belas exemplares de classicismo, e, salvo alguma rara exceção, ninguém deixou contagiá-lo pelo seu exemplo ou fez seu discípulo. Não é sequer possível estabelecer longínqua aproximação entre a sua obra aquela com a de um Gorriti ou Castilho ou Eça de Queiroz em Portugal. E' verdade que Lozano Coelho, que é o escritor que mais se parece, sendo-lhe aliás superior, não teve nenhuma literatura portuguesa. Não seria por que a sua língua, mesmo para Portugal, já era uma língua estrangeira, demolido clássico e demolido

usual) ultrapassado aqueles limites, e excedido mesmo a justa medida no seu cunho? Não ouço disto, tanto mais que a sua redação é sempre, no meu fruto parecer, melhor, isto é, mais correta, mais vernacular, mais precisa, mais clara e ainda em cima o que para um homem de letras é importante — mais elegante que a do projeto, e as inúmeras partes em que o emendou. De algumas das suas páginas, como também das extrevas miudezas com que eu ouvi desfazer na redação censurada, sendas infelizes em todo o escrito, maximamente nunha tem uma centena pelo menos de autores, o que podiam ser corrígidas sem cláudio, é porventura licito dizer.

Noitada a página 2 e possa construções que lhe parecem erradas de infinito pessoal, repreende-as o eminentíssimo escritor com velha regra de que quando num friso houver dígitos verbais, um de modo limitado, sucede modo indefinido, tende embora e mesmo sujeito, se usar, do infinito impessoal. Não é, ainda com as regras que lhe faz em nota, tão abreviata essa regra.

José Verissimo, talvez o mais excelente gramático das nossas línguas, diria a página 260 da 3.ª edição do seu Grammatica: «Para que se pensem o verbo no infinito pessoal ou no impessoal é indiferente que ele tenha ou não sujeito próprio». E depois de dar exemplos como «Não fere vergonha de gozarem a tua vida tão impessoal». Todos estão magres por terem por Folgaridão de verba a polícia, e outros, conclui: «Está a destruir de F. Díez, deduzida das feras...». As regras cerebrinas que se difundiram de auferir baseiam Soárez Barbosa (ainda invocado pelo sr. Rui Barbosa): Soárez e com outros só servem para gerar incerteza no espírito de quem estuda. Segundo talas regras (mesmo com as exceções que alguns posteriormente lhes agregaram, permitindo acrescentar) os escritos de Camões, de Frei Luís de Souza, de Vicente de Hernández, estão incertos de circunstância. Seja esse espaço, eu preferiria citar mais de com exemplos desse incerto nos clássicos, em que o redator do malnão arigo 873 do projeto: «Não comulam direto autoral, para recorrer de garantia, os escritos proibidos» adchia talvez que que justificava.

Não adiga o sr. Rui Barbosa sómente a correção gramatical e vernacular, no que está com a boca aberta: elas da elegância literária, que a lei dessas poderia dispensar, se bem seja bom que a tenha, quer dizer também o cunho do mais escrupuloso purismo, na construção principalmente indireta, em virtude do preconcelho de que a língua forma vernacular, a língua portuguesa moderna mesmo com Garret, com Hernández, com Oliveira Martins com Orégão — escritor carrosseliano no julho de Júlio Nobeira — da Eça de Queiroz desmentido: na severa intratracância com que refuga todo o neologismo e se apega as acepções como quer que seja analíticas de um diccionário do século XVIII. Blumenau, e cada passo chama-o em abono das suas emendas. São é excesso de purismo, e a miudosa extrema de certos reparos relativos a assonâncias e enclonicações, e únicas talvez menos simplicidade da cunha do sr. Rui Barbosa. Atualmente leva-e a considerar com assentimento noções duvidosas, conceitos opostivos, numa língua como é a portuguesa, ainda não sujeita a uma rigorosa disciplina. De um exemplo acima no quadro do infinito pessoal. Academe deles outros, a propósito de cláusula e de progenitor. Certamente no caso de cláusula, como com o sr. Rui Barbosa, isto é, que em bom português, apenas significa «simular, fingir, ostentar falsas ou exagerar-se ridículamente», mas não é menos verdade que um escritor considerado como um dos mais vernaculares portugueses pode dizer, da nossa língua, Camilo Castelo Branco, não só nascido desse palavrão na acepção em que se conta no Código, mas citado a justificá-la nessa acepção. Tava muito rindo o sr. Rui Barbosa em no artigo 201 mandar escrever para que é mais

**São Paulo**  
COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 175, 10.

### DIRETORES

- Dr. José Maria Whitaker
- Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
- Dr. J. C. de Macedo Soares





# Relatório Apresentado pelo Dr. Ovídio de Abreu, presidente do Banco do Brasil, à Assembléia Geral dos Acionistas, em 27 de Abril do corrente ano

A posse desses volumosos recursos é que tem permitido ao Banco prestar ampla assistência financeira nos Poderes Públicos, bem como amparo a todas as classes produtoras, no comércio e a particulares.

Note-se, porém, que não o faz com o único objetivo do lucro. Ao contrário, realiza muitos de seus empréstimos, em volume considerável, a juros baixos, como 6%, nos adiantamentos ao Governo Federal, e 7% nos financiamentos rurais feitos

pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial.

Mantém, ainda muitas Filiais delitárias, com a preocupação de levar o benefício do crédito bancário, especialmente em favor das classes rurais, a zonas onde os estabelecimentos de crédito privados não consideram interessante instalar-se.

Ao final do ano próximo passado, as aplicações de fundos feitas pelo Banco distribuiu-se como se segue, em grandes verbas:

	Cr\$
Empréstimos de várias modalidades concedidos ao Tesouro Nacional	18.703.539.000,00
Empréstimos a Estados e Municípios	1.588.972.000,00
Empréstimos a outras entidades públicas	1.044.640.000,00
Empréstimos a bancos, inclusive os de conta da Caixa de Mobilização Bancária (Cr\$ 1.890.161.000,00), e títulos descontados a bancos por conta da mesma Caixa, contabilizados em «Títulos Descontados» (Cr\$ 475.832.000,00)	2.365.963.000,00
Empréstimos da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial a agricultores, pecuaristas e industriais	5.656.479.000,00
Empréstimos ao público em geral, pela Carteira de Crédito Geral e de Exportação e Importação	7.334.876.000,00
Outras aplicações (imóveis, etc.)	1.350.859.000,00
Dinheiro em Caixa	1.352.128.000,00
	<b>39.397.456.000,00</b>

O exame desses dados revela que o Banco do Brasil, cumprindo sua missão de banco oficial, tem destinado apreciável parcela de seus recursos às operações com os Poderes Públicos, facilitando, assim, a execução dos

programas de obras de interesse coletivo. A demonstração abaixo, referente às operações realizadas em virtude de sua qualidade de banco oficial, também esclarece este ponto:

	Cr\$
— empréstimos ao Tesouro Nacional, a Estados, a Municípios, a outras entidades públicas e a bancos (na maioria como agente financeiro da Caixa de Mobilização Bancária)	23.703.114.000,00
— depósitos recebidos do Tesouro Nacional, de Estados, de Municípios, de outras entidades públicas, de bancos e outros depósitos compulsórios	21.152.529.000,00
diferença	2.550.585.000,00

Vê-se, assim, que, a despeito do volume a que atingiram, os recursos normais do Banco não foram suficientes para fazer face aos pedidos de crédito que tivemos de atender, partidos tanto das classes produtoras como dos órgãos oficiais. O Banco foi buscar na Carteira de Redescos a diferença entre seus recursos e as aplicações que fez,

tendo obtido desta suprimento que se elevaram em 31 de dezembro de 1949 a Cr\$ 3.279.734.395,50.

\* \* \*

O ano de 1949, como os anteriores do atual Governo, ainda sob a influência dos efeitos

perturbadores da guerra, deve ser encarado como um período de reajusteamento e consolidação da economia nacional.

Em nosso País, as consequências do conflito mundial seriam necessariamente prolongadas, dadas as condições de nova estrutura econômica.

Em face dessa realidade, o balanço das atividades econômicas brasileiras, nesse período, merece ser classificado como inviável.

O regime de ordem e respeito às leis assegurado em nosso País oferece clima propício ao desenvolvimento das iniciativas privadas, que se exerceram com pleno rendimento e resultados geralmente compensadores.

Todos os negócios se mantiveram ativos e a produção nacional, fabril e rural, encontrou colocação remuneradora, muito tendo contribuído para isso o fortalecimento do mercado interno, decorrente do maior poder aquisitivo atual das classes trabalhadoras.

Ao inverso do que acontece em outros países, que lutam com o difícil problema do desemprego, há entre nós certa deficiência de mão de obra, especialmente nos meios rurais. O Governo muito se tem preocupado com o problema da imigração, com o objetivo de corrigir a situação. Fazendo reconhecer, porém, que nos resta bastante que fazer nesse setor.

Os transportes entre as várias regiões do País acusaram progressos, principalmente os rodoviários, pois o Governo Federal tem incrementado consideravelmente a construção de estradas de rodagem, no que o Banco do Brasil vem colaborando de modo decisivo.

Não desapareceram de todo certos vícios, devidos ao notório desparelhamento de muitas nossas ferrovias, mas é justo reconhecer que não houve óbices sérios à circulação daquele quebra.

Merce destaque especial o incremento que vem tendo o transporte de mercadorias por via aérea, entre zonas distantes, convertendo-se a aviação, de veículo exclusivo de passageiros, correspondência e pequenas encomendas, em conduto de cargas pesadas.

E' de suma importância para o Brasil esse desenvolvimento do transporte aéreo, pois representa a possibilidade de escoamento da produção de muitas regiões do território nacional, de grande potencial econômico, as quais, sem tal recurso, continuariam ainda por longo tempo completamente isoladas, em detrimento do progresso local e da riqueza geral.

Dois fatos relevantes influenciaram fortemente o nosso comércio com o exterior, afetando, naturalmente, inúmeros setores da economia nacional: a existência dos «trasados» comerciais em dólares e a desvalorização da libra esterlina, seguida pela das moedas a elas ligadas.

Decidido a resolver o problema dos «trasados» com os nossos próprios recursos, o Governo adotou a política de restrição dos gastos no exterior, limitando o indispensável as compras e despesas em moedas arbitráveis, especialmente em dólares. Assim, tomaram-se medidas para a intensificação do controle de nossa importação, as quais, todavia, têm caráter de emergência, devendo desaparecer com o aumento da produção.

Os «trasados» estão em via de regularização, para o que influiu poderosamente, e inegável, o contingente imprevisto de divisas que nos trouxe a alta dos preços do café.

Justo é ressaltar o papel desempenhado pelo Banco do Brasil nessa luta pelo equilíbrio da balança de pagamentos. Encarregado pelo Governo do controle, em todo o território nacional, tanto da distribuição das disponibilidades cambiais existentes, quanto das importações e exportações, realizou e realiza o Banco um trabalho penoso, incômodo das maiores dificuldades, ao qual tem conseguido dar desempenho quanto possível satisfatório.

As desvalorizações monetárias e dificuldades cambiais verificadas em alguns países perturbaram o ritmo da exportação de produtos nacionais, como madeiras, mate, ceará, frutas de mesa e outros.

Essas situações parciais têm merecido toda a atenção do Governo Federal. Acordos comerciais foram feitos ou reformados ou se acham em estudo a fim de normalizar o nosso intercâmbio com os referidos países e aplacar as dificuldades surgidas no comércio internacional.

Outrossim, foram permitidos, a título excepcional, negócios de exportação vinculados com outros de importação (processo ditado de compensação), por meio dos quais foi ou está sendo dada saída nos estoques retidos de cacau, fumo, sisal, madeiras (nos Estados do Sul), cera de carnaúba, castanha do Pará e outras mercadorias.

A desvalorização de tantas moedas estrangeiras provocou debates em nosso País sobre a conveniência da depreciação do

cruzeiro ou da adoção de moedas múltiplas.

O Governo, todavia, decidiu manter o valor do nosso sistema monetário.

\* \*

O crédito bancário tornou-se bem acessível. Vencida gravemente a crise iniciada em 1946, os bancos privados, demonstrando sua confiança na futura dos negócios, expandiram apreciavelmente os empréstimos, medida tanto mais oportunista quanto a elevação dos preços dos principais produtos agrícolas ocasionou procura acenada de crédito.

Os empréstimos realizados por todos os bancos ascendem em 31 de dezembro de 1949, segundo as estatísticas oficiais, a 62.419 milhões de cruzeiros. Não computados os empréstimos feitos pelo Banco do Brasil e Tesouro Nacional para financiamento das operações cambiais e para a integralização da quota do Brasil em moeda nacional, junto ao Fundo Monetário Internacional. Em 31 de dezembro de 1948, o total era de 51.309 milhões, donde o acréscimo, em 1949, de 11.110 milhões de cruzeiros, correspondente a 22%.

Uma vez que os empréstimos do Banco do Brasil, observando o mesmo critério de exclusividade, acusaram uma elevação de 1948 para 1949, de 4.100 milhões de reais, conclui-se que os bancos privados também aumentaram os seus financiamentos de 6.430 milhões.

Em 1946, era das mais alarmadas a situação de vários bancos nacionais; alguns com ativos fortemente imobilizados em aplicações de liquidação demorada, viram-se ameaçados de instabilidade financeira, em face da crise então reinante.

Enfrentou o Governo, com decisão, o complexo problema, cabendo à Caixa de Mobilização Bancária e à Carteira de Redescos a difícil tarefa de promover a normalização da situação.

A Caixa de Mobilização Bancária, sobretudo, foi atribuída grave incumbência na questão, uma vez que, enquanto a Carteira de Redescos atendia aos bancos em suas necessidades ordinárias, negociando títulos a curto prazo, aquela foi chamada a intervir quando, em face de anormais retiradas de depósitos e consequente desnível substancial de encaixe, se expunham os estabelecimentos de crédito ao perigo da desconfiança pública.

Obtendo dos bancos, como garantia, imóveis, títulos comerciais e públicos e, quando ne-

# Relatório apresentado pelo Dr. Ovídio de Abreu, presidente do Banco do Brasil, à Assembléia Geral dos Acionistas, em 27 de Abril do corrente ano

úario, o aval dos respectivos governos, forneceu-lhes a Caixa recursos de que careciam para restabelecer seus níveis mais de encaixe.

	Cr\$
Salvo em 31-12-1945	164.000.000,00
Diferença líquida aplicada em 1946	448.000.000,00
Salvo, idem em 1947	876.000.000,00
Salvo, idem em 1948	690.000.000,00
Salvo, idem em 1949	137.000.000,00

Os algarismos acima revelam que a crise, cuja maior intensidade se registrou no triénio 1946-1948, acusou decisivo decréscimo no ano próximo passado. Foste, foi um dos motivos por que o crédito bancário pôde desenvolver-se de modo favorável, em 1949.

\* \* \*

O Banco Nacional encerrou o ano do exercício financeiro de 1949 com um déficit de 100 milhões de cruzeiros.

O volume de papel moeda em circulação acusou aumento de 30 milhões de cruzeiros, passando de 21.696 milhões em 31 de dezembro de 1948, para 24.755 milhões em 31 de dezembro de 1949.

Este crescimento já foram devidos à Caisa de Amortecimento, pela Carteira de Redesconto corrente ano e até a data deste relatório, 400 milhões cruzeiros, a título de resgate da emissão feita.

\* \* \*

É natural que tais e outras circunstâncias tenham influído nas variações dos índices de vida. Considerando os de 1946 como equivalentes a 100, tivemos, em fins de 1948, o índice 126, e, no término do ano de 1949, o de 136.

Têm contribuído para isso, naturalmente, a expansão dos títulos de pagamento e o maior aquisitivo colocado à disposição das classes trabalhadoras.

Enquanto se opera o entrelaçamento de tantos fatores de variedade, em busca dos níveis naturais dos preços, a cobiça aquisitiva vai mudando irresistivelmente de plano, na tentativa de se conseguir o equilíbrio econômico tão almejado por todas as classes sociais.

O principal elemento, todavia, para a consecução desse desiderado deve ser procurado no aumento da produção, de modo que o custo mais baixo e a maior oferta atuem provocando a redução dos preços das utilidades essenciais.

No desempenho dessa importante missão a Caixa de Mobilização Bancária aumentou seus empréstimos (aplicações líquidas anuais), como se vê abaixo:

	Cr\$
Salvo em 31-12-1945	164.000.000,00
Diferença líquida aplicada em 1946	448.000.000,00
Salvo, idem em 1947	876.000.000,00
Salvo, idem em 1948	690.000.000,00
Salvo, idem em 1949	137.000.000,00

Neste sentido foram dignos de menção os esforços do Governo, sendo as perspectivas para o corrente ano mais animadoras; espera-se expansão da produção primária, especialmente de gêneros alimentícios, e os preços deverão acusar algum declínio, em benefício dos consumidores.

Ainda não se possuem dados precisos sobre a produção das indústrias de transformação, mas a opinião generalizada é de que se manteve, de um modo geral, no mesmo nível do ano anterior. Já nas indústrias básicas registraram-se aumentos significativos (cimento — 15%; ferro e aço, laminados — 24%; papel — 11%; pneumáticos — 20%; camafeus-de-ar — 17%).

Pode afirmar-se que as fábricas trabalharam em 1949 com inteiro aproveitamento de suas capacidades e os resultados financeiros obtidos foram bastante compensadores.

Em todo o território nacional as usinas de energia elétrica não conseguem satisfazer integralmente aos pedidos de fornecimento, o que tem provocado um ativo movimento de ampliação das instalações existentes ou de montagem de novas.

Nota-se generalizada e constante preocupação de enriquecer e modernizar o parque industrial, por meio da construção de fábricas novas ou pela reforma das existentes.

O Banco do Brasil prestou, em 1949, decidida colaboração a esse louvável movimento, concedendo créditos no total de 698 milhões de cruzeiros, pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial e pela Agência Especial de Financiamento, destinados a custear reformas ou instalações fabris.

Muito se deve à tenacidade dos agricultores que, lutando com escassez de braços e outros obices, conseguiram cultivar em 1949 área superior em 3,9% a de 1948 (16.858.000 hectares contra 16.219.000).

Tudo indica que área ainda maior terá sido cultivada para

a safra do corrente ano, em virtude do estímulo das altas cotações atuais e da garantia de preços mínimos oferecida pela Lei nº 615, de 2 de fevereiro de 1949, para arroz, feijão, milho, amendoim, girassol, soja e trigo.

Permitido pela falta de braços e alertado já para as vantagens do trabalho mecânico da terra, o nosso lavrador vem recorrendo cada vez mais ao auxílio das máquinas agrícolas. As importações de instrumentos agrícolas acusam grande incremento, passando de 8.965 toneladas em 1948 para 18.182 em 1949. Entraram no País 2001 tratores

na safra do corrente ano, em virtude do estímulo das altas cotações atuais e da garantia de preços mínimos oferecida pela Lei nº 615, de 2 de fevereiro de 1949, para arroz, feijão, milho, amendoim, girassol, soja e trigo.

Permitido pela falta de braços e alertado já para as vantagens do trabalho mecânico da terra, o nosso lavrador vem recorrendo cada vez mais ao auxílio das máquinas agrícolas. As importações de instrumentos agrícolas acusam grande incremento, passando de 8.965 toneladas em 1948 para 18.182 em 1949. Entraram no País 2001 tratores

na safra do corrente ano, em virtude do estímulo das altas cotações atuais e da garantia de preços mínimos oferecida pela Lei nº 615, de 2 de fevereiro de 1949, para arroz, feijão, milho, amendoim, girassol, soja e trigo.

Com exclusão do café, as principais lavouras tiveram sua produção aumentada em proporção bastante animadora, como se vê no quadro infra:

AUMENTO DA PRODUÇÃO EM 1949 (\*)

Produtos	% sobre 1948
Cacau	33
Algodão	26
Batata	24
Trigo	16,5
Arroz	3,7
Banana	9
Feijão	6
Mandioca	6
Milho	1
Amendoim	1

(\*) Dados sujeitos a pequenas retificações.

E promissor o avanço verificado na produção do trigo (16,5%), o qual evidencia o sucesso da política de fomento adotada pelo Governo.

O nosso Banco, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tem-se feito presente nessa patriótica campanha, elevando seus financiamentos de 54 no total de 1 milhão de cruzeiros, em 1947, para 828, somando 27 milhões, em 1949.

Outrossim, convencido de que o êxito da produção nacional de trigo depende de que haja sempre fácil e oportunamente escoamento das colheitas, abriu o Banco do Brasil, pela Carteira de Crédito Geral, créditos no importâncio de 340 milhões de cruzeiros às organizações moageiras do Distrito Federal e dos Estados do Nordeste, de São Paulo e do Sul, para serem aplicados exclusivamente na aquisição de trigo de produção nacional da safra 1949-50.

Acontecimento de marcante significância para a economia nacional, conforme assinalamos anteriormente, foi a alta do preço do café, verificada nos últimos meses de 1949, e devida à conjugação de três fatores:

o pequeno volume da colheita futura no Brasil, a liquidação dos estoques do Departamento Nacional do Café, consequente da extinção dessa autarquia, e o aparecimento, no mercado, como compradores, de países há longo tempo afastados em virtude dos efeitos da guerra mundial.

Raros produtores se beneficiaram da alta; a maioria já havia vendido suas colheitas, quando o mercado melhorou. Reina, entretanto, no seio da laboriosa classe dos cafeicultores, justificado entusiasmo ante a perspectiva de auferirem na próxima safra o merecido benefício de preços altamente remuneradores.

Outra consequência favorável da alta foi, como já dissemos, o volume considerável e inesperado de divisas que correu para o ativo de nossa balança de pagamentos internacionais, contribuindo decisivamente para apressar a regularização dos "atrasados" comerciais em dólares.

Infelizmente, a seca ocorrida no segundo semestre de 1949 prejudicou muito a colheita do corrente ano. O Governo tomou,

pela Lei nº 1.003, de 24 de dezembro de 1949, medidas excepcionais para assegurar assistência financeira adequada às lavouras afetadas pela estiagem, devendo as respectivas operações ser realizadas por este Banco, por conta da União.

O Banco do Brasil, por sua vez, visando ao mesmo objetivo, adotou, em 26 de novembro de 1949, por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, item prestado todo o auxílio que lhe é solicitado. Os créditos abertos para aquisição de tratores e outras máquinas agrícolas, os quais não passaram, em 1947 e 1948, de 829 mil e 6 milhões de cruzeiros, respectivamente, ascenderam, em 1949, a 52 milhões de cruzeiros.

\* \* \*

Com exclusão do café, as principais lavouras tiveram sua produção aumentada em proporção bastante animadora, como se vê no quadro infra:

Por outro lado, o combate à "ebroca" do café, conduzido com eficiência pelo Governo, teve o desejo de sucesso, não restando dúvida sobre que a infestação dos cafezais por essa perigosa praga pode ser impedida.

O rendimento por hectare de nossa agricultura continua baixo, o que não só prejudica os agricultores, por lhes reduzir o lucro, como dificulta o aumento da produção nacional, fazendo com que os frutos colhidos não sejam proporcionais ao esforço despendido.

Várias causas podem concorrer para isso, mas uma das principais é a ausência quase completa do emprego da irrigação.

Com exceção de algumas regiões em que a irrigação, facilitada pelas condições naturais ou imposta pelo permanente aridez do clima, tem sido bastante utilizada, na maior parte do território nacional, inclusive Estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia e Paraná, as plantações ficam à mercê dos azares do tempo.

Se as chuvas não vêm no período da germinação, ainda há o recurso, dispendioso embora, do replantio; se faltam, porém, na época da frutificação, não há defesa e o prejuízo pode ser completo.

Com os altos preços das terras, das sementes, do material e da mão de obra, é de impressionar o arrazoado com que os agricultores trabalham e invertem capitais nas lavouras anuais, sob o risco, tantas vezes convertido em realidade, da falta de chuvas oportunas.

Ao Governo cabe, principalmente, a solução desse magnífico assunto, por meio de grandes sistemas de represa e distribuição das águas por terras cultiváveis adjacentes.

Há, entretanto, que considerar as possibilidades reservadas à iniciativa privada nesse terreno, em resguardo dos interesses individuais e dos da coletividade, que necessita urgentemente de maiores colheitas.

Como é sabido, terras cultiváveis há que não reúnem as

# Relatório apresentado pelo Dr. Ovídio de Abreu, presidente do Banco do Brasil, à Assembléia Geral dos Acionistas, em 27 de Abril do corrente ano

condições indispensáveis à viabilidade da irrigação: noutras, os serviços seriam caros demais. É certo, entretanto, que em muitas áreas presentemente cultivadas ao sabor dos caprichos climáticos, a irrigação poderia ser feita com maior ou menor ônus, mas com benefícios indiscutíveis, traduzidos principalmente na garantia de que não se perdem colheitas por falta de chuvas.

Preterível seria o plantio de áreas menores, com os recursos da irrigação, da defesa contra a erosão, do uso de adubos e de outros processos racionais, a cultura extensiva, cujos resultados são fáceis.

O baixo rendimento por hectare que tem feito a observação dos entendidos, oriundo principalmente da falta de irrigação, representa o verdadeiro drama do nosso lavrador, que vê a oportunidade dos altos preços esvair-se ante o malgrado da chuva.

Mesmo numa lavoura permanente e de reconhecida resistência como a cafezal, são freqüentes os danos causados pela falta de chuvas, tanto para a vida da planta, como para a formação das colheitas. Ainda agora, quando produzir mais café seria tão vantajoso para o Brasil, assistimos a uma redução da certeza futura, porque faltaram as

chuvas na época da florescência dos cafezais.

O problema da irrigação de lavouras permanentes, semi-permanentes ou anuais merece a máxima atenção, não só dos Poderes Públicos mas também dos produtores.

O Banco do Brasil já tem prestado seu auxílio financeiro, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, para a construção de aparelhagens de irrigação, a prazo suficientemente largo, de modo a possibilitar aos interessados o reembolso do empréstimo com os recursos de várias colheitas.

\* \* \*

A produção de carne bovina no País, em 1949, não deve ter sido inferior à do ano anterior, que atingiu a 910.000 toneladas.

O abastecimento à população dos grandes centros, que fôr tão irregular nos exercícios precedentes, melhorou sensivelmente no último ano, se bem que ainda não tenha voltado à antiguidade.

Fator geralmente reconhecido como perturbador do crescimento normal dos rebanhos bovinos, capaz até de constituir ameaça para o abastecimento futuro de carne à população, é a matança desordenada de vacas e animais novos, que se vem processando

nas charqueadas do interior, a despeito da fiscalização oficial.

Atribui-se essa errônea orientação às dificuldades financeiras com que lutam os criadores, que se desfazem de fêmeas aptas para a reprodução e de crias em fase de desenvolvimento, premidas pela necessidade de realizar numerário.

Atento às legítimas necessidades da produção nacional, e a fim de melhor amparar os criadores, deliberou o Banco do Brasil, em 23 de novembro de 1949, propor ao Governo modificações no regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tendentes a permitir nova modalidade de assistência financeira aos criadores. Aprovadas das que foram as alterações regulamentares, serão iniciadas brevemente as novas operações, que consistirão em adiantamentos sobre a produção anual dos rebanhos e terão por fim colocar à disposição dos criadores, cada ano, os meios financeiros de que carecem, permitindo-lhes assim auferir o maior rendimento possível de suas atividades, graças à capacidade de se vender a produção após recranda ou até mesmo depois de gorda.

Não temos dúvida em afirmar que esse novo tipo de financiamento será decisivo para a prosperidade dos criadores de gado bovino.

E imperioso que os criadores nacionais se capacitem de que

o êxito de sua atividade, assim como a plena satisfação do interesse geral da coletividade, dependem da elevação do rendimento dos rebanhos.

Nas regiões em que se concentram os nossos maiores rebanhos bovinos para corte, a criação é feita extensivamente, nas condições mais primitivas, sem os requisitos elementares da zootecnia. Por isso mesmo, as crias obtidas não passam de 30% a 40% do número de matrizes. Para se formar idéia da grave perda que sofre anualmente a economia nacional, basta lembrar que em outras zonas, onde predominam as fazendas melhor aparelhadas, o índice de produção — que ainda não se pode considerar ótimo — é de 50% a 60%.

Também para esse fim a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial tem feito grande número de empréstimos, propiciando a criadores o aperfeiçoamento de suas propriedades com o objetivo de incrementar o rendimento dos rebanhos.

— oOn —

A seguir o Presidente do Banco do Brasil, Dr. Ovídio de Abreu, prestou informações sobre as diversas operações realizadas pelas Carteiras e sobre outros assuntos de interesse geral e finalizou seu relatório com as seguintes palavras:

Prestadas as contas do exer-

cício e informações sobre as principais atividades do Banco, entregamos ao julgamento desse magna Assembléa os resultados obtidos em 1949, pondo-nos à disposição dos Srs. Acionistas para quaisquer outros esclarecimentos.

Este relatório buscou refletir na complexidade de seu duplo aspecto econômico e financeiro e na sua ação eminentemente criadora e estimuladora, os trabalhos desenvolvidos pelo Banco do Brasil durante o ano de 1949.

Por certo, não terá conseguido retratar, em toda a sua amplitude, o que foi a contribuição prestada pelo Instituto naquele período, ao progresso e ao incremento das forças que edificam a riqueza do País.

A influência exercida pelo Banco do Brasil, como agente de propulsão da economia nacional, traduz-se em múltiplas realizações, das quais não são menos importantes aquelas que, em número avultado, resultam indiretamente de medidas de caráter geral, tomadas nesta Casa.

Ao terminarmos, apraz-nos assinalar, pois, o auspicioso fato de que cresce, dia a dia, a participação deste Banco em todas as atividades que se relacionam com a vida econômica e social da Nação, nos seus aspectos mais relevantes.

Ovidio Xavier de Abreu

## UM CENSOR CENSURAVEL

(Conclusão da pág. 74)

oscever o português. E' tarefa da maior facilidade encontrar tudo isso nos melhores escritores. Sem dúvida, convém evitá-lo, no medida do possível, assim como inconveniente. Mas uma imaginação cheia ou capciosa achará sempre expressões não censuráveis, como o privado, contra o qual o sr. Rui, tenta vez, se insurge.

Falidões!

O trabalho do grande escritor devia ter tido uma elevação de pensamento, mais compatível com o seu mérito, com o seu grande autor. Em vez das futilinhas pedantescas, que fariam o delírio de um gramático, futilinhas que

multiplicam de página em página, valeria mais empregar o seu inestimável valor como item de pena e de palavra para conseguir o extinção de algumas grandes iniquidades do Código. Peçam, para lhe compensar o desgaste de não ter sido o primeiro redator, ter sido o último — mas pode pôr, como fiz, silêncio de artigo intenso, que lança ao opróbrio os libos espúrios, a simples palavrinha que sua pena escreveu. «SUPPRESSO».

Esse, aliás, só os grandes corregedores que o cédo merecem! A reinvindicação dos direitos da mulher e do filo espúria. O mais podre ser um excesso de hilaridade; não será de justiça, não honra nenhuma.

(«Correio da Manhã», 5 de Agosto de 1902)

## «A FACE PERDIDA», de Cassiano Ricardo

Cassiano Ricardo editou este ano mais um livro de poesia: «A Face Perdida». Trata-se de uma coleção de poemas de pura e transcendente beleza, que vem realizar o que já sobrava: que Cassiano Ricardo é uma das vozes mais altas da nossa poesia de hoje. Jo e sabíamos, desde os inícios parnasianos do poeta, desde «Fruta de Pêssego», por exemplo.

Mas o excelência da poesia de Cassiano Ricardo confirmou-se cada vez mais fortemente, e em grandes momentos que se chamam Martin Correia, o Sezinho das Flores, Um dia depois do outono. Pertencem à coleção da Face Perdida os doze poemas que neste número de Autores e Livros transcrevemos.

## Dois estudos sobre a Réplica

Publicamos neste número dois famosos estudos que, por ocasião de ser editada a Réplica de Rui Barbosa apareceram na imprensa brasileira. Trata-se de um ensaio de José Veríssimo — UMA LIÇÃO DE PORTUGUÉS — e outro de Medeiros e Albuquerque — UM CENSOR CENSURAVEL — São ambos, trabalhos admiráveis, dignos dos seus autores e do modelo que os inspirava; sendo que o de Medeiros e Albuquerque está salpicado daquela malícia, que o escritor comunicava a tudo o que produzia.

Estes dois estudos são, hoje, verdadeiros raridades, bastando dizer, para avançá-los, que o trabalho de José Veríssimo foi cortado a gizete na coleção do CORREIO DA MANHÃ, existente na Biblioteca Nacional. São, pois, dois belos presentes — oportunamente agora que está saindo da Casa de Rui Barbosa uma nova edição da Réplica — que prazerosamente oferecemos aos leitores.

## Cooperativa dos Usineiros Limitada

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

**Capital subscrito . . . . . Cr\$ 4.966.100,00  
» integralizado . . . . . Cr\$ 4.877.200,00  
Fundo de Reserva . . . . . Cr\$ 986.466,70**

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escrivório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s.º 301

Em São Paulo: — Rua Alvaro Penteado n.º 180 — s.º 509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luís Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manoel Caetano de Brito, Diretor; Manoel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Antônio Freire e Enock Maranhão.

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

Assinatura anual com registro . . . . .	Cr\$ 45,00
FASCÍCULOS AVULSOS:	
Volumes IX e X . . . . .	Cr\$ 5,00
Volumes da 1.ª fase (I a VIII) . . . . .	Cr\$ 50,00
Volume XI . . . . .	Cr\$ 4,00
Brochuras dos volumes IX e X . . . . .	Cr\$ 100,00

Enderço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

# Poesias de Servulo de Melo

## O CANTO DA MULHER RECOLHIDA

A fera está o guerreiro  
que irá a seus braços  
os olhos estão brilhando  
fogo na escuridão

Os monstros andam ali fera  
De linguas em labaredas  
Nunca terão o meu corpo  
Nem verão meus segredos.

A fera está o príncipe  
não chupará o meu seio  
vendo em taça de ouro  
primo a vida nos pedaços

A fera está a chuva  
Molhando a luz e o vido  
O fado anda lá fera  
Banhando a alma do mundo



## DANSA DA VIDA BREVE

Só da virgem nos olhos  
Encontra a virgem na boca  
Encontro o sangue da virgem  
Encontro tal sensitiva  
Encontro desfaleceu  
Encontro um noite negra  
Encontro uma estrela gritar  
Encontro é muito mais forte  
Encontro oculta de morte  
Encontro assim desertou  
Encontro desfeito  
Encontro tornando vivo

Nos olhos havia memórias  
De sombrias alucinações  
Guitarras e bandolins  
Violinos e balalaicas  
Marinhas e cantanholas  
Acenderam os nervos da virgem  
Queimaram o sangue da virgem  
Puseram ritmos ardentes  
No rosto corpo da virgem  
A virgem foi arrastada  
A dança da vida breve  
Vivido duende de carne  
Soltô no bale de vida  
A sombra de sua saia  
Morreram adolescentes  
As trancas sobre a cabeça  
Eram um crescente lunar  
Na palma de suas mãos  
Brotaram flores vermelhas  
E no bico dos seus seios  
Luminosas fogos de artifício  
Através de seu olhar  
Via-se o mundo envolvido  
Em rosas véus de paixão  
O tempo fluíu na virgem  
Rápido como relâmpago  
Deu-lhe um dente de ouro  
No canto esquerdo da boca  
Dilatou a carne branca  
Enfumaçou o olhar  
A virgem não é mais virgem  
Já perdeu a memória  
De quantos homens amou  
De quantas luas bebeu  
De quantos tangos dançou  
Seu corpo imenso está  
Entre bordões amarelados

Do peganir de chitão  
Mas no fundo de seu eu  
Existe uma virgem boiando  
Sobre águas inda mui puras  
Existe uma virgem tonta  
Entre ritmos desvairados  
Dansando ainda em vertigem  
A dança da vida breve

## A ROSA DE CARVAO

Estrela partida  
Peitos de neve  
Brasa de fruta  
Rosa Encarnada

Tocava piano  
Tecelados floriam  
Pisava na pedra  
Rios nasciam

Nos ventos voavam  
Os ricos cabelos  
Nos Lagos boiava  
O corpo de pétalas

Pobre ficou  
Perdeu-se na vida  
Puxou vagões  
No fundo de mana

Os homens disseram  
Palavras maduras  
A rosa crestou-se  
De lago cedem

Foi rosa de sangue  
Rosa da vida

Rosa do mangue  
Essência perdida

Com seda e perfume  
Banhou o seu corpo  
Bebeu absinto  
Dançou e morreu

Do chão calcinado  
Nasceu outra rosa  
Vermelha do sangue  
Que a rosa verteiu

Sua haste delgada  
E gesto chorado  
Protesto da terra  
Onde a rosa sofreu

## BALLAD TO YOU (A uma jovem inglesa)

You are like a bird  
A blue bird of winter  
I saw you in a blue dress  
Like a blue bird of winter  
A painting by Dali  
And carved by Rodin  
Your eyes sing Mozart's Hallelujah  
You body dances Stravinsky's Fire Bird  
In your cherry lips  
I kissed the rose stars  
You never die in my dreams  
You are like a concert image  
In my mind's eye  
In your luminous body  
there is the night of an old day  
and the morning of a new

## Homenagem a Camões

Dante Milano

### CHAVES DE IMITADO SENTIMENTO

LER-TE QUANTA VEZ TENHO SENTIDO  
QUIMÉRICO É MUITO MAIOR O AMOR VIVIDO  
EM ATO NAO, MAS SO' EM PENSAMENTO  
EM TANTO INVENTO O QUE AMO E AMO O QUE INVENTO  
EM COISAS SEM RAZAO TAO COMOVIDO  
QUE O AR ME FALTA E O RESPIRO COMPRIMIDO  
AO SEI SE DA' NAO SEI SE TIRA O ALENTO.  
SABOR DE AMOR E ASSE ALTO RESPIRAR.  
ESSA ANGOSTIA EM SUSPIROS MAL DISPERSOS.  
EM AMOR, QUE IMPORTANCIA TEM O AR.  
PARA CHEIO DE FANTASTICAS AÇÕES!

VASSIM, AQUIELÉ QUE IMITAR TEUS VERSOS.  
INJIMFIRO IMITE O TEU AMOR, CAMÕES.

## O Rio São Francisco

CONCLUSÃO DA PAG. 221

Depois disso, que estou informado  
do rio tem propriedade que por  
vir de longe, e de clima distante  
das suas nascentes, trouxe este  
estorvo para o tempo, tanto  
que é comum as suas águas serem  
cristalinas e transparentes, e que  
não é raro que sejam de mar. Mas  
é certo é, como o vêem União, que  
vão, e habitam no Minho Geral, que  
este dálvicio de água entra no Rio  
São Francisco, e lhe sobrevém pelo  
Rio das Velhas, que atravessa as  
mesmas Minas, vindas das partes das  
Índias de Castilla, e província do  
Paraguai. Ocorre, estas encheram  
pelo verão no mês de setembro, e  
seguintes, e muitas vezes tem variação  
e chegam abaixo pelo inverno, e  
então se juntam com as que desceem  
pelo Rio das Velhas, as do nascimento  
de São Francisco, que vem dali  
para cima das suas vertentes, e por  
baixo se lhe juntam as de suas minas,  
que nela entram, e são por estas  
ocorrências mais danosas as suas  
inundações.

(Nota Orbe Sessíco).

## DAFNIS E CLOÉ'

MUCIO LEAO

**A Pastoral** de Longus, o delicioso  
romanceílho de Dafnis e Cloé  
tem, para si garantidas a eternidade.  
Amado pelos eruditos, lido e apre-  
endido pelos leitores comuns, foi ado-  
cado por uma escola ilustrada. É um  
dos livros queridos dos Felicitantes.  
No Brasil figura em uma coleção de  
obras publicadas por esse grupo litera-  
tu-heróico. Mais ainda do que  
pequenos positivistas, será o romance-  
ílho apreciado pelos estudiosos  
da psicanálise. Porque si é que esti-  
madas que devem ser os primeiros  
os principais leitores dessas pasto-  
rais. Dafnis e Cloé representam, em  
clara análise, um grande símbolo  
um complexo símbolo tão querido  
a Freud e aos psicanalistas, repre-  
sentia o símbolo ao despertar do  
instinto sexual no espírito de duas  
crianças. E esse símbolo foi inventado  
pela pena culta do século IV  
ou do século V, a quinze séculos  
partido, de distância do professor  
quadrangular. Tão amigos são, apre-  
nhendidos no mundo. **NHL** ne-  
verá.

Escrito por quem, esse curioso e  
bonito livro? Ele a que os críticos e  
os historiadores literários ainda hoje  
ignoram. E' dito como seu autor um  
certo Longus. Mas quem foi Longus?  
Ninguém sabe no certo, ninguém sabe  
sequer de maneira imprecisa. Os  
culturais que mais abundante notícias  
dizem sobre os escritores antigos  
(Suidas, por exemplo) não falam dele.  
Silêncio é este surpreendente.  
— observei um estudioso de Longus  
— quando fizeram negociações nos  
áreas informações sobre os pádiões  
imprecisas de Longus, como Aquiles  
e Xenofoonte de Eléa. Se não  
se sabe quem ele era — como saber  
a atividade que exercia? Anatole  
France, que amava Dafnis e Cloé,  
chegou a imaginar (e a hipótese é  
provavelmente anterior) que Longus  
fosse um monge bizantino. Imagina-  
va negro e amarelo, com os olhos opacos  
de tanto lerem estudo. Os manuscritos  
das velhas poesias gregas.  
Não será difícil, com efeito, oscillator  
se esse suposição. Estamos na era  
nas que a cultura dos homens se refi-  
giou nos mosteiros, e aos recolhidos  
e desencantados monges é que cabe

o incomparável privilégio de  
jornar o sonhar os sonhos de Aqui-  
cante e de Tesséto, de Virgílio e  
de Cívico. Bem pode ser que um  
desses inditos, obcecado pelas viéses  
místicas que os antigos poetas cri-  
aram, expandida, como ele também,  
algum tempo episódio da sua infân-  
cia ou de sua adolescência, no qual  
leu, como Dafnis, uma virginál  
experiência de desejo e de amor,  
quisesse pôr por escrito aquilo tudo  
que, para o seu coração, era uma  
renovação de encantos. Se assim foi,

o pobre monge terá sido esse! A  
inspiração de romance terá sido uma  
obra de diabo! E o autor de Dafnis  
e Cloé terá sido, certamente, por os  
chamam infernos.

A progenie de romance de Longus  
tem numerosas ilustres. Todas  
sua poesia pastoral, que floresceu  
durante séculos, pode ser o seu filo-  
do. Tasso, D'Urfe, Bernadim de Saint  
Pierre, o príncipe Chotonibundo, são  
também descendentes. A Diana de Monte-  
mayer, os romances pastorais e as  
edologias de Bernadim Ribeiro, de Ro-  
drigues Lobo, de Crisóstomo, tudo isso se  
abrevoa de algum lenço no trono  
de Longus.

Conscientemente como era, Courier  
sabe o mito e as particularidades  
de Amyot nos trechos ressalvados  
Sua tradução, aliás, pareceu um  
enigma, lombosíssimo querela. Tende  
colocando, como afinal, entre suas pá-  
ginas de manuscrito, uma folha em  
que fazia de mímica, com os olhos opacos  
de tanto lerem estudo. Courier teve  
a desgraça de não verificar os con-  
dições de limpeza desse papel.  
Resultado: o papel, que estava sujo  
desse excesso, estava sujo de tinta,  
estragou algumas palavras  
do manuscrito! Logo um certo senhor  
Furia, que era professor de grego

em Paris (na justiça, se é que é true  
longue, diz Courier), levantou um  
celebre tremendo Houva protestos e  
criticou violentíssimos Courier e  
a humilhação dos ataques de impren-  
sa, andou ameaçando de cedela. O  
episódio foi, nem à vista, amargo  
mas foi também divertido. Hoje nos  
dizemos os esplêndicos e depravados  
cartões que induz Courier a escrever

Volteando a **Dafnis e Cloé**, possemos  
dizer dela o que disse o próprio  
Courier, seu tradutor: é um esplê-  
ndido romance para ser colocado nas  
mãos dos mestres que, na noite de  
conamento, não querem de lado pas-  
sar por inexpertos. Fez, talvez,  
isso o que compreendeu a Positivis-  
ta, tão saliente e entusiasta do  
cultivo tão curvado em ignorâ-  
cias de unidade de Clotilde de  
Vaux.

### FONTE SOBRE ANTONIO DE SANTA MARIA (ABOTOA)

Antônio Mota — História da Literatu-  
ra Brasileira. Época de Transfor-  
mação, — pag. 58

Fernandes Pinto — Curso de  
mentor de Literatura Nacional, —  
pag. 193

Prato Pezzo — Crítica e Peléme-  
nia, — pag. 46

Haroldo Pernambuco — História do  
Romantismo no Brasil — I.º vol.

H. Perdigão — Dicionário Universi-  
tal de Literatura — pag. 159

José Barbosa — Literatura brasili-  
ana — pag. 223

Oliveiro Lino — Aspectos da Lite-  
ratura colonial brasileira — pg. 111

Silvio Romero — História da Lite-  
ratura Brasileira — I.º vol., p. 538

Sacramento Blake — Dicionário  
Bibliográfico Brasileiro — vol. I,  
pág. 309

Xavier Pedreira (Cônegos) — Carta  
inédita sobre Olinda — Arquivos  
da Prefeitura de Recife — n. 1 de  
1942.

# POEMAS DA "FACE PERDIDA"

## CASSIANO RICARDO

### AS MAOS E OS NAIPES

Uma é sentimental —  
pende mais pra cós;  
é aquela em que figura  
o amor que tu me deste.

Uma é igual à outra  
mas diferentes no ato.  
Meu coração, balanço  
entre o amigão e o exato.

Uma que se expande,  
outra que se contém.  
Uma que é minha, e outra  
que é não sei de quem.

Uma acompanha o outre  
num só teclado humano.  
Mas neste outre é mais forte  
o M grande do morte.

A direita é que mata,  
a esquerda só me entrela.  
Minha mão sinistra  
não é a esquerda. E a direita.

Ela era pra ser árvore  
e minhas mãos duas flores  
mas no estranho baralho  
me saípe formam dores.

### A GRAÇA DE SER POBRE

ia acordar tame, sacar come  
de meu futuro miser  
que o marco me desponha  
no meu subir ao sar

Dentro os pés no condilho  
e os meus olhos no pratação.  
Meu rosto, saco, das retratos  
tirados no jardim público.

Fomos de ria, quer tanto  
esse — ignorava de quem era —  
deixar-se ver, da boca em rido  
entre solitário e solitário.

Caminha entre duas espelhos,  
um edônico, outro caixote;  
um abrigo a minha cabeça,  
outro em que vai meu reflexo.

Ale que de mim só resse,  
com a cosa que sobreu,  
uma palavrão na pedra  
onde não seu mas estou.

Toda vez que falo  
eu todo me complico  
sem necessidade  
como se fosse rico

Prefiro ficar quieto  
para te dizer tudo.  
Se falar é riqueza  
sou um pôsso mundo

Pois quero que me sobre  
neste mundo tão pouco,  
uma vida tão breve  
a proposta de ser pobre.

O deserto sempre-viva!  
Acre flor dourada,  
é a morte viva  
leito da cura e sede.

### 2.ª BALADA ULTRA-VIOLETA

De onde leria vinho  
a suíl violeta  
que apareceu no águo  
quando fomos nua?

E a borboleta branca  
de uma coroa ornámina  
que entrou em seu quarto  
polo mão de ninguém?

E certo pálidinho  
que, alto madrugada,  
brilhou em seu céu  
passando, indo ser noite?

E o beijo-flor liso  
que é um cruel enigma  
pintado no parede,  
e que ainda há pouco,

vendo a rosa pôa  
do seu corpo no espelho  
(no rosai do tempo  
há uma rosa que é tua)

— São buçous o mel,  
com céleste fulgo;  
sóz passar que lamo vias;  
sóz risco é flor?

### TUDO O MAIS SÃO PENAS

Só existe o espaço.  
Tudo o mais ocorre.  
Ocorre, apena.  
Tudo o mais são penas.

Só existe a estrela  
adiante de quem canta,  
Porque andamos, apena.  
Tudo o mais são penas.

Só existe a sua  
no tempo o nosso ombro.  
A sua com que se morre.  
Tudo o mais são penas.

### O HOMEM NOTURNO

A hora em que seca o orvalho por este mundo  
de ruas em ruas, sem rumos, destino, é esto.  
A do norte lá profundamente vivida e de cuiço  
vento, não tardará escorrer a menina úmida  
Giradas quanto em torno à lua.

O espelho e o baralho o we fizeram amea-  
ja e murchou a carne, mundo. Os homens  
todes  
velho, velho, num horizonte provisório.  
Continham-se espaco, o pô durante o dia  
ocorrem eternamente voltados no tempo, entre os  
[dol] lucos-fuscos

II

Não sou represento num caso de rôgo nem  
Guarda-noturno  
mas só vive de noite.  
E em vez da chácara da coba bebe orvalho.  
Girado girando em torno à lua.

Um luar grande e luto divido o céu  
nos dois hemisférios  
O uva de um cão insulta a ordem  
em que caídos colocados, no céu, os estrelas.  
Um galo canto para anunciar a madrugada,  
e madrugada que nos traz o sangue da éter  
imortal.  
Última coisa que me resta!

A abrigação de combinar para o dia seguinte  
Ento coisa trágica que é um homem caminhão  
na mistério egípcio da noite,  
arrastado pela sua esperança

Carta perdida de um diurno baralho,  
dúctio com a estrela d'iva no colégio

III

### A MULHER E A CONCHA

— Como quem se desfar das suas esmeraldas  
e ex-seria lugia de mar.

Apenas — a talvez para identificação do seu  
trouxé uma concha, concha quase rosa.  
que furaria no sagrado líquido. Só uma concha.

Netuno estava dormindo entre celadópodes e  
lândumes.  
Os peixes lhe brincavam, ógeis, de várias cores  
na barba cheia de ramifications sub-luminosas.  
E si que a ex-seria, despidos das escamas,  
e já trazendo a concha, salta da cratera,  
verde, da vaga, sobre o céu do avenida.  
com a menina nas cabeças, e ainda nua.

Com que direito os humanos se puseram, todos.  
a perseguila.  
se a concha era sua, era exclusivamente sua?  
Se ela furtara a concha como as outras mu-

[horas]  
luram outros objetos — uma joia, um pôsso,  
[uma metrinhada?] Se havia tanta concha sobre o pôsso os no

[fundo de mar]  
e tão naturalmente?  
Ah, ou queria reduzir o fato à sua significação  
[mais inocente].

Como se não souberas que a ex-seria  
triste, no corpo, a sentença do amor,  
e o universal rumor dentro da concha.

II

A velha lua descia arda da sede a essa hora,  
como uma fidelidade em silêncio. Lenta.  
Mulher que nadava, branca, e que os peixes  
assim da noite submarino — sôdicos —  
começavam a reer pelo lado esquerdo  
do rosto.

### VERÔNICA

Louga opõe o confuso,  
uma mulher de povo  
me viu cheia de rosas,  
as feridas. E de amor,  
o amor da Juia, lógimas  
que se invés de cor  
dos olhos, roxame do corpo  
As peças lógimas, porque  
apenas lógicas, lógicas.  
Próprias da matéria,  
no que elas tem de frágiles  
e de espesso.

Uma mulher de povo,  
me vendia rosas, quis engravar-me  
o rosto, mas fôs mais do que isso.  
Colheu-me as rosas, mas fôs mais  
que isso.  
Colheu-me o próprio rosto.  
Farto que os circunstantes  
me exigiram,  
para seu gênero  
e dissimilares,  
ja que somos folhas  
a imitar a semelhança da Deus.  
E corremos o risco  
de ser frágeis, uns dos outros,  
semelhantes pelas origens, ou menos  
pelo rosto.

Um rosto que, aliás,  
nem é meu, mas o que recebi  
como sendo um presente  
de quando fui futura.  
Não de hoje, quando sou  
obrigada a dizer: preiente,  
a hora  
ou identificação.

### O ESCAPANDRO

No fundo do oceano  
estava a lógima  
que devia ser  
chorado por mim. A espera  
das meus olhos, que ainda  
não eram meus na origem  
das coisas.

Or peixe não choram.  
E ele podia estar  
ali não chorando. A espera  
de quem visse a usá-la.  
um dia, ou dos olhos  
(que, hoje, não os meus)  
que o chorasse, devia-  
mente. Como se chorar,  
uma só vez, na vida.  
A lógima ali ficou,  
infante, no auge  
labirinto, onde ninguém  
chora, porque ali a prêmio  
é falso. Onde os polvos,  
os tristes celadópodes,  
não choram. Onde  
as serpentes, nascidas  
por não chorar, não choram.  
Onde os próprios maringos  
não choram. Onde os peixes  
não choram, e ninguém  
iria, estô, chorá-la.  
Isto superfluo é uma gota  
de mágoa no fundo d'água.

Or peixes não choram.  
E a lógima passou  
entre alegres caranguejos  
entre novos marcas.  
entre detritos sujos.  
entre espumas por cujas  
ondinhas entrou  
e saiu, muitas vezes,  
quieto, obscuro, escondido,  
para, afinal, ser mabá.

II

Lá hora,  
multidão, a andar  
cego, o covão líquido  
a glauco  
em que, sem nenhum  
esforço, Deus avançava,  
originalmente.  
Ali dentro, a lógima.  
Quieta, obscura, escondida  
na unanimidade  
espessa do águas exal-  
mecinhinhas.

### 2. BALADA DO FUZILEIRO NAVAL

Morinhos, não assisti à operação, mem-  
em que, por lucides foras, com um gládio  
Netuno contou vivo uma corda em dois peda-  
sos, cortou a terra a parte que davio, e  
o resto da mulher, surda,  
E arrancou os mares a outra parte, o Ja-  
l de peixe, para

— O lugar da mulher não é a mar.  
E o peixe ficou só peixe, o mulher só mulher.

(Não obstante o paqueno trecho de cas-  
conha, as duas lhas verdes, e os quin-  
tos exilados que, no corpo do exer-  
cio hoje, são reminiscências da mar)

II

Porem, eu sou em mim ilusamente  
tido a vez que parto,  
a eterna imagem da seca partida.  
E ouço o seu grito milenar e a voz calma  
que o do mar, sem mar.

Ainda agora é cada o águo novo, os  
Letrados sopravam para vários destinos  
Um quindau, inverno blô de terra.  
O nome de maria escrita no andar. A vaga  
E a longa despedida, o mais longa, só haja,  
as despedidas.

Até a hora em que, 16 longe, um mimo  
exclui os duas posturas essenciais da vita  
num só edêus, sob a lua naval.  
E os olhos da mulher que ficou imóvel, sobre  
só figuras e sol.

III

Ali, o mar celibatório,  
spac do meu amor a sua universalidade  
Demolido épico — para o meu coração ap-  
lô, é sempre, e eternamente, o mar —  
lhes é que, resgando, sobre a praia, o vêu de todos  
os mimos no vau.

IV

NOTURNIDADE

E porque é esta a nossa hora específica,  
tal como certas borboletas duplicas, ou dubius,  
que só aparecem à hora do luxo-fusco.  
nossos somos nós e essa hora.

Não adianta querermos ser claros  
A lógica não convence, a explicação nos cansa.  
O que é claro não é preciso ser dito.  
Chega de explicações, ou de diálogos obri-  
gatórios com o espelho. O que sentimos é a necessidade  
de noite. De noite,  
não em nossos olhos, mas em nossos seres  
em nossas mãos, em nossas poesias

Só a noite apaga, a esta hora, a divisão  
os sacrifícios, nas curtidinhas, os mapas.  
Só a noite, que a primeira mulher pediu,  
como condição para o amor, ou para o beijo.  
A noite, muito mais universal que a dia

V

Amanhã constarão os galos, a alva estrela dolce  
nos contarão que ainda estamos vivos, que a  
morte ainda existe.  
Mas hoje, a esta hora, o que sentimos é a  
necessidade de noite. Da noite,  
não em nossos olhos, mas em nossos olhos.  
em nosso corpo leito de barro vil, camado  
e nô. Não em nossos olhos, mas em tudo  
o que dizemos,  
depois de tudo tão dolorosamente explicado.

VI

Hoje, o nosso suicídio  
já não tem a beleza trágica, a belosa  
dos que se cometem.  
sem deixar explicar.

Antes, no mundo tão dolorosamente explicado,  
explica-se.  
Tudo se explica  
no planeta onde os nossos olhos, hoje,  
só não vêem, simplesmente olhar.  
já não têm a significação, a melodia, a vi-  
gância das simbologias.